

diário  
-O. NOV. 1998

ANO III N. 137  
30  
DE DEZEMBRO  
1943  
F.S.C. 1\$50  
PREÇO AVULSO

# SEREI OU NÃO UM BOM MARIDO?

*Não case sem responder primeiro a êste «test»!*

(Leia páginas 2 e 3 dêste número)



VERA MILTA MBIRELES A «MENINA DA RADIO» TALVEZ SIM... TALVEZ NÃO... VEMO-LA MODA NA VESPERA DO NATAL, A ESCOLHER UNS SAPATOS. POR QUAIS IRA DECIDIR-SE?

**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



# Aquela noite...

**E**LE saíra de casa sem ninguém dar por isso. Primeiro fóra à cozinha e com o próprio jornal do dia fizera o embrulho e descera as escadas como um gato, sem fazer barulho, sem bater com a porta como tinha hábito.

Na rua, o frio intenso fê-lo levantar a gola do sobretudo e esticar o passo. Bailava-lhe nos lábios um pequeno sorriso de cada vez que, apertando o braço contra o corpo, sentia o pequeno embrulho. Seguia sem ver as ruas quasi desertas por onde passava. Conhecia bem o caminho. Quando chegou à paragem do carro olhou o relógio. Tinha tempo. Onze e vinte. Iria a pé. Dali até lá, não levava mais de 20 minutos — e era bastante.

Enquanto caminhava, ia pensando na surpresa. Que diriam em casa de ter saído sem mais nem menos, sem nada dizer, como se fugisse? Se tivesse falado talvez que não compreendessem as suas razões. Era melhor assim, amanhã explicava... e... até talvez não explicasse. Para quê?

No largo grande, onde os carros davam a volta, deu de cara com um velho conhecido seu, um velho conhecido seu, um velho conhecido seu. Baixou a cabeça, escondeu-a mais na gola do sobretudo e passou. Eram capazes de estranhar de o ver por ali àquela hora, naquele dia.

Ao avistar a casa teve um sorriso satisfeito. Havia luz naquela janela e, contente, apressou o passo.

Quando ele bateu à minha porta, estive quasi para não abrir. Mas tinha a luz acesa e... tive um encolher de ombros e avancei sem vontade. Sentia-me triste, sem forças, mas, ao vê-lo, tive um sorriso. Ele também ficou contente e, sem demoras, antes de me dizer mais nada, mostrou-me o embrulho. Olhei-o admirado. «Abre», disse-me, e ria de me ver surpreso.

Abri o embrulho e, de repente, pareceu-me sonho tudo aquilo, e os meus olhos marejaram-se-me de lágrimas. Naquele momento, na minha situação, aquela carcassa de pão branco e aquela perna de galinha apareceram-me como a melhor dádiva do mundo. Havia dias que não comia, dias e noites que procurava um amigo para me valer. Ele soubera-o hoje mesmo e viera. Trazia-me aquilo que podia, não era rico, mas lá em casa sempre se comia todos os dias. Parece-me que comeci a comer antes mesmo de lhe agradecer. E ele sorria e olhava-me satisfeito.

Quando uma hora depois partiu, apressado, olhei o jornal. Tinha a data do dia: 31 de Dezembro de 1940. Passaram três anos, mas essa noite de Ano Novo nunca mais se me apagou da memória... Era no tempo em que eu tinha fome, em que os dias pareciam meses e que eu morava lá para o fim da cidade... quasi perdido...

ROGÉRIO

# ALEGRIA NO ANO NOVO...



# QUANDO PINA MANIQUE PERSEGUIA OS ELEGANTES

**O**s elegantes e as elegantes do século passado tiveram um grande inimigo — o intendente Pina Manique, o homem de coração duro, o implacável perseguidor de todos os excessos a que as meninas e meninos bonitos de 1800 se entregavam.

Não foi esta a primeira vez que os homens públicos se meteram com o trajar dos elegantes. Em todo o mundo há exemplos de restrições e de punições contra a moda e seus exageros. A história da França, pelo menos, dá-nos uma série de casos bastante interessantes. Felipe, o «Belos», proibiu o uso de corpetes atacados e camisas bordadas. Luís XIV promulgou leis contra o emprêgo das rendas e da «quilure». Henrique II foi ao ponto de estipular o número de botões a usar em cada fato, regulamentando as cores. O carmezin só podia ser usado pelas princesas; às burguesas apenas era permitido o emprêgo do veludo nos corpetes ou nas mangas, ao passo que as mulheres do campo nunca por nunca ser podiam vestir-se de seda.

Em Portugal, Pina Manique foi o perseguidor intemorato das modas extravagantes. Na verdade, por esse tempo, os elegantes e as elegantes de Lisboa começavam a exagerar, tanto em luxo como em ostentação, os trajes que vestiam. Mas Pina Manique era outro exagerado. Fosse o que fosse, mais um lacinho, mais uma pendureza, e logo o menino bonito ficava marcado como jacobino. E aí dele, coltado!

As cómicas e bailarinas de S. Carlos tinham trazido para Portugal as túnicas ligeiras, as pantalonas cor de rosa, os grandes decotes, as jóias nobres dos dedos dos pés. E, como não podia deixar de ser, toda a Lisboa elegante passou a vestir-se segundo os figurinos das cómicas e bailarinas de S. Carlos. Pina Manique é que não concordou. Primeiro, limitou-se a contínuos avisos ao Conde de Vila Verde. Depois, encrepou de todo. Chelo de pudores e de fúria moralizadora, desata a perseguir o «maillo» cor de rosa da amante de Marcos Portugal, a italiana Fiorini, o decote um tanto rasgado da Condessa de Ega. E vai por ali fora, sempre a crescer de entusiasmo e de zelo acabando por chamar jacobino a todo o pobre peralta que se sobressaísse um nadinha na elegância do vulgo.

Usar luvas, era ser jacobino. Tirar da algibeira uma caixinha de rapé, era igualmente prova de jacobinismo. Só havia uma solução: a cabeleira polvilhada, a negra casaca e os sapatos com fivela de prata a modos de 1770. De outra maneira, caía-se em desgraça, e lá estavam os célebres emou-chardas da Intendência que não eram para brincadeiras.

Poucas seriam as coisas que não se encontravam proibidas. Jogar à bola, usar fita nos chapéus, sair-se à rua



Tres elegantes de 1830

com determinadas bengalas equivalia quasi a uma sentença de morte. E aí daquele que se atrevesse a pôr uma gravata preta de garrote, um simples laço vermelho ou um chapéu alto à Thérèse de Méricourt! E aí do chapeteiro que lho vendesse! A massmorra a fria e soturna massmorra lá estava à espera dos infractores, dos terríveis jacobinos, dos famigerados revolucionários.

As punições de Pina Manique conseguiram, aos poucos e poucos, criar um novo tipo de elegantes, que já não pinta as faces de cor de rosa, nem põe erólos para alongar as pernas nem prega grandes fivelas de ouro nos sapatos. É mais viril. Não fala em falsê, nem namora aos suspiros, aos «áis» muito tristes e choradinhos. Pina Manique venceu! Os elegantes lamentaram-se, mas acabaram por cair, vencidos por esse implacável inimigo do jacobinismo e dos exageros da moda que foi o Intendente Pina Manique.

# Não case sem responder primeiro a este «test»! SEREI OU NÃO BOM MARIDO?

**E**IS um teste feito à base da moderna concepção da psicologia experimental. Se queres saber se tem ou não possibilidades de vir a ser um bom marido, um bom chefe de família, pegue num lápis e responda às perguntas que abaixo se publicam. Mas responda com sinceridade, fazendo bem o balanço das suas qualidades e dos seus defeitos:

- 1—Gosta, na verdade, da mulher com quem queres casar?
- 2—Costuma, em vez do seu nome próprio, chamá-la por diminutivos?
- 3—É incapaz de estar um dia inteiro zangado com a sua noiva?
- 4—Costuma ver e falar com a sua noiva todos os dias?
- 5—É incapaz de deixar de aparecer à sua noiva para ir para o café ou para o cinema com os seus amigos?
- 6—Se, por força maior, fôr obrigado a faltar, avisa-a com antecedência?
- 7—Costuma oferecer flores, bombons ou quaisquer outras prendas à sua noiva?

# ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

**U**M leitor escreve-nos a perguntar se estávamos de acordo em demorar tanto tempo a publicar a sua carta que, no seu entender, trazia uma reclamação importante e imediata. Lamentamos ter de dizer, nesta secção, que a única coisa em que temos, forçosamente, de estar de acordo é com as demoras, porque elas são lógicas e inevitáveis.

Repetimos: as cartas são numeradas consoante a sua entrada na redacção e, pela mesma ordem e não pelo seu interesse ou urgência, irão sendo, uma a uma, publicadas. Entendidos?

Decididamente, os homens estão a perder algumas das qualidades que os tornavam nobres aos olhos da mulher. Não é que se pretenda voltar aos tempos da cavalaria, em que um gentilhomem se batia, com um sorriso nos lábios, pela sua dama. Mas a verdade é que a delicadeza e a consideração pela mulher tendem a desaparecer nesta época em que o materialismo parece ter atingido o seu auge. Duvidam? Não repararem no que se passa todas as noites, a partir das 6 às 8 horas, nas paragens de eléctricos para Dafundo ou para o Alto de S. João. É uma luta de vida ou de morte, em que o homem aproveita a força que a Natureza lhe proporcionou para empurrar e espezinhar as pobres das mulheres que, como eu, saem apressadas do emprêgo para ir para casa preparar o jantar para o marido que não

deve tardar. Apenas pretendia uma coisa: não que me deixassem entrar em primeiro lugar nos eléctricos, mas sim — o que é justo! — que respeitassem a minha vez. Porque não se organizam, para estas paragens mais movimentadas, um sistema igual ao que a Carris emprega no elevador da Glória?

B. DE. A. — Av. Visconde de Valmor, 35, 1.º

Tenho recebido reclamações de amigos a quem escrevo, dizendo que as minhas cartas chegam quasi sempre multadas. Pois bem: nunca por nunca ser me esqueço de pôr «no ângulo superior direito da frente», a estampilha necessária. Mas os selos é que não têm goma e estes descolam-se e caem. Pergunta-se: porque razão a Administração Geral dos Correios e Telégrafos não põe nos selos que vende a goma necessária e suficiente? Economia? Restrições?

J. DE CASTRO — R. A, ao Bairro Lopes, 3, 1.º

A Companhia das Águas sem grandes tradições... mas merece, também, algumas censuras. Então há lá direito que sem um único aviso aos pobres dos consumidores, cortem a água nesta ou naquela zona da cidade? É certo que a demora é, a maior parte das vezes, de pequena duração, mas, mesmo assim, não deixa de causar graves transtornos e prejuízos. E até parece de propósito! É sempre à hora das refeições que a água falta. Não haverá maneira de se prevenirem os atíngidos, avisando-os com alguma antecedência, para que possam tomar as devidas providências?

A. DE SOUSA — Rua das Praças, 22, 2.º

# O CÃO CAUTELEIRO...



A história conta-se em cinco legendas. 1) «Foguete» é um cão que, em Alcântara, juntamente com o dono, faz a venda de lotaria. É um cão muito inteligente, vestido com um sobretudo especial e, segundo diz o dono, nunca vende jógo branco. 2) Aparece um fraguê, mas é «Foguete», o cão da sorte, que escolhe o número do jógo. 3) Com a bôca tira a cautela ou o vigésimo e vai entregá-lo ao cliente. 4) e 5) depois, recebe o dinheiro e, tão contente fica, por ter ajudado o seu dono que desata a dançar e a dar cambalhotas. Resta dizer que em Alcântara todos preferem comprar jógo ao «Foguete», o cão cauteleiro...



# DO MUNDO

## 1943 foi. 1944 será...

**E**XTINGUE-SE dentro de poucas horas o ano de 1943 — e um novo ano vai começar ainda sob o signo da guerra. Pode dizer-se, entretanto, ao esboçar-se o balanço deste ano que finda, que os acontecimentos tiveram um curso de certo modo diferente do que caracterizou o ano anterior, tanto pelo sentido em que se desenrolaram as batalhas como pelo ritmo que tiveram de assumir. Um teatro de guerra foi eliminado: o continente africano, onde a primeira ofensiva fora das forças italianas — após a guerra da França — e que passou inteiramente para o domínio das Nações Unidas, tarefa que foi possível concluir após o desembarque em grande escala empreendido pelos anglo-americanos nas zonas francesas de Marrocos e da Argélia. Da África, pelo trampolim da Sicília, os exércitos aliados saltaram no continente italiano. Isto coincidiu com a queda do regime fascista, o advento do regime personificado na figura do marechal Badoglio, a repartição da Itália em duas Itálias — o horror da guerra civil a servir de espinha dorsal à guerra entre nações na terra italiana convertida em campo de batalha. Na frente leste, russos e alemães continuam travando a mais dura e cruenta batalha que se regista na História — e 1943 foi para os exércitos de Hitler um penoso ano de batalhas defensivas, que têm o seu balanço final marcado num amplo desvio da linha de operações para ocidente, o que importou a cedência de amplos territórios custosamente conquistados. Nas zonas do Pacífico, a contra-ofensiva das forças dirigidas pelo general Mac Arthur entrou em pleno desenvolvimento e os japoneses, contidos após o seu fulminante e tentacular arranco inicial, viram-se forçados a ceder sucessivas posições, abandonando ilhas e bases onde tinham podido chegar para montar o seu arco ameaçador sobre o continente australiano. A guerra nos mares não teve, em 1943, episódios espetaculares que excepcionalmente o assinalassem — e os cronistas da especialidade terão de se contentar com as descrições, mais ou menos propícias para ser romaneadas, do drama de Toulon e do momento particularmente emocionante da chegada da esquadra italiana ao ancoradouro de Malta. A parte relativa, propriamente, a operações navais resume-se, por assim dizer, à campanha submarina empreendida pelos alemães contra a navegação mercante aliada — que os comunicados conjuntos publicados por Londres e Washington, a 10 de cada mês, revelam em ponto de ter bastante atenuadas as suas consequências. No cargo político e diplomático, a par das vicissitudes dos países ocupados, a par do caso italiano já citado, importa não perder de vista a grande série de contactos pessoais que se estabeleceram entre os principais dirigentes das Nações Unidas, culminados nas conferências do Cairo e de Teherão, em que, evidentemente, tanto se tratou dos problemas referentes à condição da Guerra como ao indispensável esforço para o alinhamento dos desígnios de três potências cujo principal fio de ligação é de natureza negativa — a derrota da Alemanha, do seu regime e da sua significação. Dêsse esforço de alinhamento necessário é de esperar que se produzam consequências de grande aparato, acompanhando a evolução dos acontecimentos de natureza puramente militar.

Isto é a guerra. E a paz? Já agora — pois que ao marechal Smuts parece ter-se atribuído categoria e papel de águia... — registre-se a opinião incluída no primeiro discurso que pronunciou após o seu regresso à África do Sul: 1944 será o ano da vitória final...

J. R. S.

## POLÓNIA O HOMEM QUE DEFENDEU WESTERPLATTE

**A**S coisas passaram-se pouco depois da entrada das tropas alemãs na Polónia, em Setembro de 1939. Ao passo que a maioria dos fortes, ao longo da fronteira, haviam capitulado, a Westerplatte, vizinha de Dantzig, manteve a resistência, durante cinco dias e cinco noites, não obstante os bombardeamentos dos paços alemães. A 6 de Setembro, a guarnição — o forte tinha 200 homens — rendeu-se. Os comunicados alemães prestaram, então, homenagem aos gloriosos defensores de Westerplatte, alguns a morrer de fome, porque havia três dias que não comiam. Impressionado com tamanha coragem, Hitler ordenou a restituição



da espada ao comandante de Westerplatte — o capitão Dombrowski que aqui vemos pensativamente agarrado à espada, ao lado da sua mala de viagem...

## INGLATERRA

### O homem que vigia os mares da Grã-Bretanha

**D**E há um tempo a esta parte — mesmo sem remontar ao tempo de Neison — o Mediterrâneo é o lugar onde a «Royal Navy» vai colher os louros da sua coroa de heroísmo e da vitória. Lá se fez grande almirante Dudley Pound, recentemente falecido, lá se cobriu de glória sir Andrew Cunningham, hoje primeiro Lord do Almirantado.

Em 1939, a flotilha de «destroyers» do Mediterrâneo era comandada pelo vice-almirante Tovey que é hoje o comandante supremo da Home Fleet e que, pouco depois, era nomeado grande-almirante. Sir John Tovey nasceu em 1885, serviu com brilho a causa aliada na Grande Guerra, sendo condecorado com a «Distinguished Service Order». De 1930 a 1932, foi assistente naval do segundo Lord do Almirantado. E foi nessa qualidade que tomou o comando do couraçado «Rodney», onde se conservou até 1934. De 1935 a 1937, comandou o porto militar de Chatham e, no seguinte, a flotilha de «destroyers» do Mediterrâneo. Foi em 1940 que assumiu o alto comando da Home Fleet, como tal assistindo no alto mar, ao fim do «Bismarck».

Naturalmente, nem vale a pena dizer, porque todos o sabem, que a Home Fleet está encorregada de defender a Metrópole inglesa, contra todos os ataques vindos do exterior. As responsabilidades de «sir» John Tovey são, por isso, pesadíssimas e lá vimos, durante os ataques aéreos à Grã-Bretanha — a Home Fleet tomar importante papel de defesa, ao lado da R. A. F.

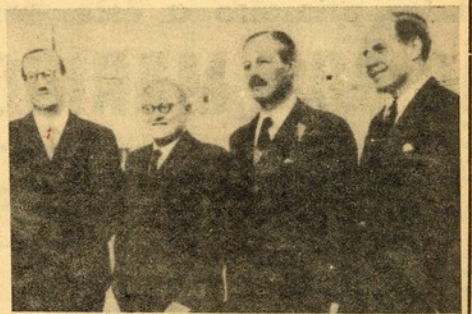
Aqui damos o almirante Tovey no seu magnífico uniforme de almirante. Não é verdade que está bem?



## ITÁLIA COMISSÃO ALIADA DO MEDITERRANEO

**C**OM o drama da sua queda, pelas armas, surgiu para a Itália o drama político e administrativo. Não foi só sudário de lágrimas, de fome e luto: os vencidos, degladiando-se, não se convenceram da derrota, com as suas trágicas contingências. E os vencedores, no seu papel de mais fortes, fizeram cair sobre a Itália o pulso da sua força. Aqui estão os homens que os Aliados enviaram para Argel e que constituem a Comissão Consultiva para a Itália.

lia — a Comissão Aliada do Mediterrâneo — e que são: Murphy, representante dos Estados Unidos; Mac Millan, ministro da Grã-Bretanha; Vichinsky, delegado da U. R. S. S., e o ministro dos Negócios Estrangeiros da França — Livre, Massigli.



## BOMBAS SOBRE O VATICANO

As primeiras fotos do recente bombardeamento do Vaticano: as devastações na oficina de mosaicos do Papa, em que se trabalhavam pedras de 28.500 cores diferentes. — A direita um aposento do palácio do governador da cidade do Vaticano, que também foi atingido.







## OS MARROQUINOS CIVILIZAM A INDUMENTARIA...

### MARROCOS

**P**ARECE paradoxo, mas é assim mesmo: os americanos transformaram os marroquinos em europeus. Com aquêlê seu sentido das coisas e da vida — um sentido muito americano — imediatamente ao seu desembarque na África — ou seja, há pouco mais dum ano — os americanos começaram a pôr em prática o «programa aliado de reabilitação» no que são eficazmente secundados pelas autoridades francesas. Este cheik marroquino que se vê numa das fotos em primeiro plano, se calhar nunca tinha vestido um casaco

de «dandys» em toda a sua vida, e no seu rosto verifica-se uma expressão de desconcerto, como se desconfiasse que a bela indumentária que os bemfeitores de além-mar lhe vestem tivesse algum «feticço». O grupo alegre que se vê na outra foto já se habituou ao bom tecido americano.

Supõe-se que estão à espera dum carregamento de calças de Nova York, para completar a sua indumentária. Agora, se calhar, já têm vergonha de andar em mangas de camisa!

## INGLATERRA

### PORQUE VOLTOU A FALAR-SE DE SIR OSVALD

**1** nome de Sir Oswald Mosley voltou a ser a vedeta nos grandes quotidianos e magazines internacionais. Esse nome havia sido esquecido, no meio da avalanche de noticiais contraditórias e sensacionais provocadas pela guerra.

Mas, antes que esta se desencana-deasse, poucas seriam as pessoas que, na Inglaterra e no estrangeiro, que não tivessem ouvido falar dêlê com os mais diversos sentimentos, de hostilidade marcada uns, de decidida simpatia outros.

Esse nome animou uma carreira brilhante e contraditória. Os ingleses, que são fundamentalmente conservadores, têm geralmente horror à contradição nos seus homens de Estado. O sr. Churchill nunca pôde alcançar o lugar a que lhe dava incontestável direito o seu génio político antes da guerra, porque não fez uma carreira política coerente. O sr. Lloyd George, que contribuiu como ninguém para a vitória do seu país na última conflagração, conheceu o ostracismo total em seguida à glória total, vítima do mesmo pecado.

#### O CHEFE DO FASCISMO BRITANICO

Sir Oswald Mosley começou a sua carreira como socialista. O seu temperamento mal se adaptava, porém, à mecânica rígida do trabalhismo inglês. Trata-se dum organismo que, no decurso do tempo, se tem revelado incompatível com os temperamentos dinâmicos e empreendedores, como os de sir Oswald. Sir

Stafford Cripps teve de abandonar as suas fileiras. O irreverente John Maxton saiu delas para fundar o trabalhismo independente, etiqueta que diz tudo sobre a sua incapacidade para acatar a disciplina partidária. O deputado David Pritt está há muito praticamente afastado dessas fileiras. E, de entre os actuais filiados, é já grande a lista dos irreverentes que, como os srs. Shinwell e o Aneurin Revan, andam constantemente ameaçados de sanções.

Sir Oswald, que fez um casamento de retumbância e era senhor duma grande fortuna, transitou, sem gradações, do trabalhismo, que é como quem diz do socialismo, para o fascismo ortodoxo. Fundador do partido fascista britânico foi, naturalmente, o seu primeiro, único e efêmero chefe.

#### O MODELO ESTRANGEIRO

Os ingleses têm o orgulho das suas instituições políticas e da originalidade dessas instituições. Sir Oswald, que começara por praticar o delito de incoerência, fez seguir a prática desse delito dum outro de não menos proporções e de não menor gravidade. Advogado caloroso das virtudes e dos regimes totalitários da Europa continental, o fascismo italiano e o nacional socialismo alemão, procurou adaptar as suas práticas ao solo e à gente da Grã-Bretanha. A tentativa malogrou-se, estrondosamente. Apesar do dinamismo exuberante do seu chefe, o partido fascista inglês, o que de resto acontece com o partido comunista inglês, nunca excedeu os limites duma patrulha.

Sir Oswald, que conquistara legitimamente um lugar na Câmara dos Comuns, não pôde ser reeleito apesar dos esforços que fez e dos recursos de que dispunha para fazer vingar a sua candidatura. Nesse dia pode dizer-se que essa carreira estava praticamente terminada.

#### DO CATIVEIRO A LIBERTAÇÃO

As relações pessoais estreitas que mantinha com Hitler, com Mussolini e com os principais dirigentes alemães e italianos, transformaram o seu caso, que era de reduzidas proporções partidárias e não excedia os limites da política interna britânica, num caso de segurança nacional. Sir Oswald, em seguida à entrada da Grã-Bretanha no conflito, foi preso com sua mulher, como medida elementar de segurança.

Acaba de ser solto, por ordem e sob a responsabilidade pessoal do ministro do Interior do governo inglês, o trabalhista Morrison que, com a sua decisão, viu ameaçada uma carreira das mais brilhantes na política inglesa contemporânea. Foram os correligionários do ministro que mais duramente o atacaram. A defesa de Morrison foi aceite e aprovada pelo Parlamento. Essa defesa filiava-se numa razão que concitou as simpatias da maior parte da opinião pública. Sir Oswald corria o risco de morrer se continuasse preso. A sua libertação veio dar uma actualidade nova ao seu nome que andava esquecido. Mas o chefe do fascismo inglês, esse deve considerar-se definitivamente desaparecido.







## RENÉ EVOÉ!

**E**STE René Bobet, magro, esguio, todo feito de ângulos agudos, violinista para quem a alma do violino não tem segredos, é belga de nascimento — e português de inclinação. Um belo dia chegou a Lisboa, com a sua mala e o seu violino, gostou disto — e por aqui se deixou ficar, instalado a uma mesa da «Brasileira». Simples, bom rapaz, carregando nos rr como todo o belga que se preza, a sua chama musical tornou-se familiar entre nós. No «D. Maria» ou na Emissora, de violino em punho ou regendo a orquestra, ele é bem aquele magro e digno homem que arranca lágrimas e sorrisos de algumas cordas de viola — salvo seja. Ali onde o vêem — é um artista. Mais: é um «virtuoso». Tão «virtuoso» que, segundo os seus biógrafos, tem uma medalha de comportamento exemplar...

## À MANEIRA DE JOÃO PENHA

Mal pode imaginar-se a mente acesa  
Tão gentil como quando, venturoso,  
Te vi naquela tarde, voluptuoso,  
Estático de pasmo e de riqueza.

Que prodígio de graça, de beleza!  
Que boca, que olhar, que rir gostoso!  
E toda tu — ó anjo harmonioso! —  
Parecias renascida da surpresa.

Cinco e meia talvez — e servia-se o chá,  
A mostrar que a vida ainda não é má,  
Que pode ser até bem doce e meiga...

Tive-te inveja, crê, muita inveja:  
Porque te vi, rainha, salvo seja,  
A comer torradinhas... com manteiga!

# ANO NOVO

**D**ENTRO de quarenta e oito horas ao ano de 1943 terá sucedido o ano de 1944. Le roi est mort! Vive le roi! Ao velho ano que sucumbe, um novo-ano vai surgir. No alvo-recer do ano de 1872, perguntava Eça, num dos fascículos das Farpas, que traria, debaixo da sua capa, êsse digno ano de 72. Traria a paz? Traria a revolução? Traria, ao menos, no meio dum espantoso ob! universal, uma idéia? Setenta e um anos passados eis-nos fazendo as mesmas interrogações. Que vai trazer-nos o 1944? Nem êle mesmo o saberá. Noutros tempos, os anos, ao chegar parece que trocavam impressões com os anos que saíam, e era das impressões trocadas que nasciam os planos futuros. Hoje não é assim. A vida transformou-se numa grande caixa de surpresas. O que reina — é o inesperado; o que governa — é o imprevisto. Não se torna fácil, na maioria dos casos, estabelecer planos antecipados. O que fôr, soará — como nas mágicas. O ano-novo cruza-se com o ano-velho à meia noite de 31 de Dezembro; um vem alegre e confiado, o outro parte velho e sonolento; não se cumprimentam; fingem mesmo que se não vêem. Se trocassem alguma coisa, não trocavam confidências, trocariam sapapos. Um tem a despedi-lo — a desilusão; o outro tem a acolhê-lo — a esperança. Pois bem. Neste momento saüdemos, como manda a boa regra, o Deus que chega — e façamos um eloqüente gesto de despedida ao triste Senhor que parte.



### O DR. ALMEIDA EUZÉBIO



O nosso bom amigo, dr. Almeida Euzébio, director da Penitenciária de Lisboa, realizou, há dias, na Ordem dos Advogados, um a conferência em que, cavalheiresca e juridicamente, defendeu os direitos das mulheres. Sabemos que as mulheres, em prova de reconhecimento, vão dirigir-se às instâncias competentes solicitando que o sr. Dr. Almeida Euzébio saia da Penitenciária...

### A IDADE DE LAURA ALVES



Perguntaram recentemente a Laura Alves — uma das nossas estrelas de teatro ligeiro — quantos anos tinha. Laura Alves respondeu ao curioso:

— Multiplique cinco por trinta; tire-lhe vinte; ponha-lhe dez; divida por dois; junte-lhe seis; diminua quarenta; divida em três partes; aproveite duas; deita fora três números... Aqui está.

Que idade tem Laura Alves?

### O SR. PRESIDENTE



Congresso que sorri é o título dum volume constituído por dezasseis novelas humorísticas de diversas nacionalidades e que César de Frias coligiu, traduziu — e, conspicuamente, prefaciou. Quere dizer: César de Frias surge assim, e muito bem, como o presidente dêste Congresso em que se estuda o tratamento das doenças de fígado — por meio do sorriso. Segundo julgamos é êste o primeiro Congresso que se realiza no mundo sob a presidência dum César... Registamos o facto, humoristicamente desvanecidos.

### CONSIGLIERI SÁ PEREIRA E A SORTE GRANDE



No dia em que saia a Sorte Grande do Natal, encontrámos Luiz Consiglieri Sá Pereira descendo o Chiado. Mal o vimos, dispáramos-lhe à queima-roupa:

— Que faria você se lhe saísse a Sorte Grande?

— Divorciava-me...

Mas logo acrescentou:

— Para me casar outra vez com a minha mulher — e os nossos filhos serem testemunhas de cerimónia...



## PORTUGAL BRASIL

**T**RANSCREVEMOS o final dum folheto intitulado «*Descrição da Viagem de duas senhoritas brasileiras a Portugal, com referência sobre o modo pelo qual foram tratadas durante o espaço de cinco meses na pátria dos seus avós*». Eis o final desse folheto, destruído com grande abundância de exemplares por todo o Brasil:

«Quizera possuir o dom da palavra escripta como possuem os poetas para podermos descrever com penna de prata molhada em tinta de ouro só assim escreveríamos um poema à nossa sempre lembrada tia Maria e assim escrevemos o que a nossa sabe-

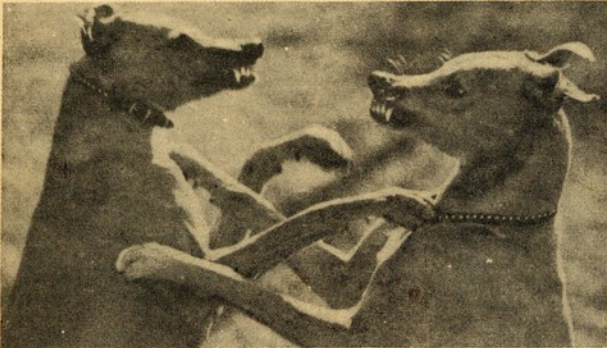
doria dá, são palavras que brotam de dois corações pobres de saber, e duas almas que agora começam a desabrochar para a vida na idade de uma com 19 primaveras e outra com 21, em nossas orações o primeiro Padre-Nosso é para aquella que foi nossa mãe por espaço de cinco meses e que continua a ser. E assim terminamos esta descrição, o leitor que ler há-de perdoar os erros; é que isto não é feito por nenhum poeta, mas sim duas jóvens irmãs Rozinha e Mariazinha sonhadoras de um futuro risonho em que um dia os nossos corações serão feridos pelas setas de cupido. Rio de Janeiro, 10 de Outubro, Roza Ferreira de Jesus e Maria Alves Monteiro, brasileiras que foram a Portugal fazerem apreciações.

Sem comentários...

## AMOR CANINO...



«Eles e «Ela» encontram-se em pleno campo e correm, lado a lado, trocando as primeiras manifestações sonoras da sua alegria...



Depois, longe das vistas indiscretas, há o primeiro abraço. E, talvez, também, o primeiro beijo...



E, tal qual como na nossa vida, passada a paixão inicial, «Eles» e «Ela» têm as suas brigas violentas e perigosas. Amor canino ou amor humano — é sempre amor, com virtudes e defeitos, com alegrias e tristezas...

## COCKTAIL

### QUANDO O NATAL FOI ABOLIDO EM INGLATERRA!

**A**INDA que vos pareça extraordinária esta notícia, nada possui de fantasia: na verdade, o Natal foi abolido em Inglaterra no ano de 1644.

O Parlamento deliberou proibir ao povo os festejos e a Ceia de Natal, fazendo sair um decreto ameaçador e incisivo:

«...E por este meio decretado que o hábito de comer pastéis e pudins cessará. O Natal é uma festa pagã. No dia 25 de Dezembro o comércio estará aberto em toda a cidade».

Contudo, apesar das ordens terminantes e da severa vigilância exercida pelos pastores puritanos, o povo inglês continuou a comer os seus pastéis e os seus pudins...

Os parlamentares reagiram, acusando as transgressões de traição. E, de seguida, um dos parlamentares mais entusiastas pela ideia, sugeriu uma reforma completa nas tradições do país.

Nem Natal, nem dia do Senhor, nem Pentecostes, nem Páscoa. Tudo ficaria abolido!

Mas, então, a dúvida assaltou os membros do Parlamento. Isso seria demais. Tiveram medo...

Cromwell, que obtivera êxitos enormes, conseguindo o poder e que o rei fôsse decapitado — não conseguiu, de maneira alguma, manter a abolição do Natal!

Em Dezembro de 1644, como hoje e como sempre — o Natal continua a ser uma deliciosa realidade, para os ingleses e para todo o mundo que acredita no futuro...

### OS FEITICEIROS CURAM A LEpra!

**N**EM todos os feiticeiros, é certo, possuem esse poder mágico de curar a lepra, a maldição mais horrível que pode cair sobre o ser humano.

Mas, na Rodésia, passou-se o seguinte caso: um indígena atacado de lepra, com dolorosa gravidade, fôdo por incurável pelos médicos brancos...

Passado algum tempo, o mesmo indígena voltou ao hospital para ser examinado e os médicos constataram com evidente surpresa que ele se encontrava completamente curado.

Que sucedera? Apenas isto: o indígena procurara um feiticeiro e este tratara-o com ervas do mato.

Tanto se espantaram os clínicos de Rodésia que chegaram ao ponto de ir falar com o curandeiro. Porém, este guardou segredo das suas receitas. Limitou-se a dizer, com sincera convicção:

— Quando trato, o doente só tem dois caminhos: ou morre ou cura-se por completo!

E naquelas regiões os casos de curas maravilhosas de leprosos, desenganados pelos melhores médicos do mundo, não têm conta. Mas os feiticeiros guardam avaramente o seu segredo...

### O PRIMEIRO BANCO DO MUNDO

**H**Á factos que nos deixam boqui-abertos. Este, por exemplo: Já 700 anos antes de Cristo existia um Banco no Mundo. Denominava-se «Egibi & Filhos», tinha a sua sede em Babilónia e espalhara filiais por vários pontos. Foi, sem dúvida, o primeiro Banco que a história registou.

Por sua vez, a primazia na Europa coube ao Banco de Veneza, no século XII, seguido posteriormente pelos de Barcelona e de Stoccolmo.

Como curiosidade, convém saber também que o Banco de Stoccolmo foi precisamente o que primeiro emitiu papel-moeda. Corria então o ano de 1668...

### O SENHOR BANQUEIRO NÃO SE ATRAPALHA

**A**NTIGAMENTE, os banqueiros eram górdos, fumavam charuto, liam o jornal e andavam em luxuosos automóveis. Mas, um dia, veio a guerra e as coisas mudaram um pouco. Toda a gasolina fazia falta aos combatentes. E, dia a dia, o precioso líquido foi rareando nas cidades, até que os automóveis desapareceram. O caso estava difícil.

Contudo, os banqueiros não se devem atrapalhar com obstáculos tão pequenos. E assim, em Copenhague — onde foi tirada esta foto — em Paris e noutras grandes cidades está solucionada a falta de automóveis. Os banqueiros continuam a ser górdos, a fumar charuto, a ler o jornal... e a fazer a sua vida habitual. Para isso basta uma bicicleta de «tanders»...

### MEMÓRIAS INFANTIS

«Janela é uma porta que não foi acabada e serve para a gente olhar a rua. Mas os ladrões entram por ela. Numa destas noites, a mamã saiu e eu fui para o quarto da Sofia, minha ama, que é muito boa. A janela ficou aberta e tudo calado porque pensaram que eu estava dormindo. Entrou um ladrão pela janela. Tive medo, mas não me aconteceu nada porque Sofia, para ele não me fazer mal nem me acordar, abraçou e beijou o ladrão».

(Do livro «HISTÓRIA DO BEM E DO MAL», por TRISTÃO DA CUNHA, bras.).





# A MÚSICA NOS ESTADOS UNIDOS

Por ISABEL ROSS

Isabel Ross, notável escritora e jornalista americana, nasceu e educou-se na Escócia. Em 1917, iniciou a sua carreira jornalística em Toronto, no Canadá e, dois anos depois, entrou para a redacção do New York Tribune. Até 1932, relatou para o seu jornal acontecimentos de certa importância, ocorridos em todos os Estados Unidos. Isabel Ross é autora do livro intitulado «Ladies of the Press» história da mulher americana no jornalismo e de sete interessantes novelas.

A música é uma das artes mais profundamente arraigadas no espírito do povo americano.

Embora não sendo um povo essencialmente musical, o americano adora, geralmente, a música, que, hoje, se encontra tão espalhada pelos Estados Unidos, pelo emprego da rádio e das gravações em discos.

Há já longos anos que o Metropolitan Opera House, o conhecido teatro de ópera dos Estados Unidos, vem sendo o objectivo ambicionado de muitos grandes artistas de canto, tal como acontece com o Scala, de Milão, o Covent Garden, de Londres e as Óperas de Paris e Viena. As vozes de todos os grandes cantores universais têm ali sido ouvidas, desde 1883. Pelos camarotes do sumptuoso teatro, têm passado sucessivas gerações de ilustres famílias americanas, enquanto que pelas galerias têm ressoado as aclamações do povo, sempre fiel às tradições da ópera.

O Metropolitan Opera teve os seus grandes dias no tempo de Caruso — que ali se estreou com o «Rigoletto», em 1903. Entre os grandes cantores que ali trabalharam, antes e depois, contam-se os nomes notáveis de Adelina Patti, Jean e Edouard de Reske-Ernestine Schumann-Heineck, Geraldine Farrar, Antonio Scotti, Olive Fremstad, Teodor Challapini, Maria Jevitz, Amelita Galli-Curci, Rosa Souselle, Lucrezia Bori, Beniamino Gigli, Kirsten Flagstad, Lawrence Tibbett, Grace Moore, Lauritz Melchior e Lily Pons.

Nos últimos dois anos, os preços de admissão no Metropolitan Opera foram reduzidos — de modo que hoje é muito maior o número de amadores de música que assistem aos espectáculos. Recentemente, terminou uma das suas mais notáveis temporadas em que 46 artistas americanos formaram uma companhia que deu 104 espectáculos em Nova-York, além de mais 24, em Chicago, Cleveland-Rochester e Filadélfia. Todos os espectáculos foram de elevada qualidade, apresentando todos os tipos de ópera eu ropéia — de Wagner a Verdi — e, uma vez por outra, algumas peças líricas americanas.

## ÓPERA EM INGLÊS

A Nova Companhia de Ópera — formada em Nova York, há dois anos, apresenta, a baixos preços, óperas em inglês interpretadas por cantores americanos. Além destas, outras se formaram em Chicago, St. Louis-Filadélfia e San Francisco. Há ainda as companhias ambulantes que andam de cidade em cidade — apresentando as óperas mais notáveis.

Hoje em dia, a melhor música de todos os géneros do «jazz» à música clássica e sinfónica — é avidamente recebida, em todo o país. Contam-se hoje, nos Estados Unidos, 17 orquestras sinfónicas de primeira categoria e 200 outras, também muito boas. A Sociedade Filarmónica e Sinfónica de Nova York e as orquestras Sinfónicas de Filadélfia, Boston, Cleveland, Chicago e Minneapolis, são todos agrupamentos de primeira categoria — dirigidos por maestros universalmente famosos.

Existem nos Estados Unidos mais de 75.000 orquestras de dança e centenas de grupos corais. Cento e cinquenta, pelo menos, dessas orquestras — mundialmente famosas graças à rádio — têm realizado durante os últimos meses, concertos para as forças armadas. Desde o tempo de John Phillip de Sousa, popularizaram-se as marchas, nos Estados Unidos marchas essas que depressa atravessaram as fronteiras — para adquirirem notabilidade universal. Actualmente são os nomes conhecidos de Paul Whiteman-Rudy Vallee-Duke Ellington Cab Calloway-Fred Waring, Benny Goodman, Artie Shaw e Harry James que gozam da preferência do público.

## ADVENTO DE COMPOSITORES AMERICANOS

Antes de 1900 poucos foram os compositores americanos dignos de nota. Foi apenas nos fins da passada guerra — que a música americana foi internacionalmente reconhecida. Por esse tempo, já ela se exprimia como um índice de cultura americana. Os melhores compositores americanos que, antes, dificilmente encontravam público para as suas obras, adquiriram celebridade e, hoje, as obras de Roy Harris, Aaron Copland-Paul Creston, William Schumann, Samuel Barber, Marc Blitzstein,

Walter Piston, Virgil Thomson, Deems Taylor-Roger Sessions e Charles Ives, são executadas pelas principais orquestras sinfónicas. A primeira audição da Quinta Sinfonia de Harris, realizada em Boston, constituiu um dos acontecimentos musicais mais notáveis da temporada de 1942-43, na América.

A maior parte da música sinfónica moderna americana é toda fundada em temas contemporâneos. Veja-se, por exemplo, a música de Aaron Copland, para os ballados americanos «Rodeo» e «Billy the Kid» e para as versões cinematográficas das obras «A nossa cidade», de Thornton Wilder e «As mãos e a morte» de John Steinbeck.

A contribuição americana para a comédia musical-opereta e «jazz», é abundante e variada: George Gershwin, falecido em 1937, apenas com 38 anos, escreveu um grande número de comédias musicais populares, além das suas famosas composições intituladas «Rhapsody in Blue», e «Porgy and Bess», uma famosa composição intitulada «An American in Paris», e «Porgy and Bess», — uma ópera de motivos negros, destinada a alcançar um lugar permanente na música americana. A música melódica de Jerome Kern bem representada pelo «Show Boat» e as românticas canções de Cole Porter, são tão familiares que se tornaram parte do nosso próprio idioma. A música de Irving Berlin, o famoso compositor que começou por cantar num pequeno café do bairro chinês de Nova York, e se tornou o rei do «Tin Pan Alley» (nome popular porque é conhecido o centro de composição musical da cidade de Nova York), é hoje popular em todo o mundo. A sua obra mais recente, que é actualmente exibida nos Estados Unidos — a revista musical intitulada «This is the Army» («Este é o exército») — bateu já verdadeiros records de receitas e popularidade. Foi já vista por 1.500.000 pessoas, tendo rendido 2.000.000 de dólares — empregados em benefício do exército. A grande popularidade destes compositores é evidente pelo número elevado de emissões radiofónicas das suas obras, da venda das gravações das suas músicas e do vasto emprego no cinema.

## A MÚSICA ESPIRITUAL DOS NEGROS DA AMÉRICA

A música dolente e espiritual dos negros constitui a mais escolhida colecção de música folclórica americana. Esta música nasceu durante as primeiras décadas do século XIX. Algumas das suas canções — eram apenas adaptações de velhas cantigas dos tempos medievais, enquanto outras provinham de baladas populares. O negro canta enquanto dirige a Deus as suas orações — canta enquanto trabalha, traz consigo ritmo em todos os seus actos. As suas dolentes canções exprimem tristeza, amor, fé, esperança e triunfo.

O grupo «Fisk Jubilee Singers» tem contribuído bastante para proteger a música dos negros e estimular o interesse geral por este género de música americana. Este grupo foi organizado em 1867 por George L. White, tesoureiro da Fisk University em Tennessee. Reconhecendo a beleza arrebatadora das canções dos estudantes negros da Universidade, muitos dos quais haviam sido ou eram descendentes de escravos. White pensou em torná-las conhecidas do mundo. Iniciando, primeiro, a realização de pequenos concertos e encorajado pelo sucesso alcançado, em breve se lançou em «tournees» pelo país. O seu grupo, então conhecido por «Coloured Christian Singers» (Cantores de Cór Cristãos) visitou quase todas as grandes cidades europeias nas últimas décadas do século passado. John W. Work e seu irmão Frederick, compilaram as melhores canções negras, que publicaram em dois volumes, o primeiro em 1905 e o outro em 1915. As «Negro Folk Rhymes», outra compilação de Thomas W. Talley, contribue para tornar conhecidas em todo o mundo as dolentes e melódicas canções dos negros dos Estados Unidos.

## MUITOS AUTORES PARA UMA SÓ MÚSICA

A autoria das canções espirituais dos negros, várias vezes poderá ser atribuída, pois quasi todas parecem como uma evolução da música religiosa. Durante os anos que frequentou a Universidade americana de Cincinnati, Stephen C. Foster — grande compositor americano de outros tempos — deixou-se impressionar pelas canções dos escravos negros trabalhando nas plantações de algodão que lhe inspiram a colectânea de «Canções Etipiosas». Elas não só contribuíram para tornar famoso o seu nome, como também para o estabelecimento da música na escola de música genuinamente americana, escola ainda altamente apreciada por todo o americano. Entre as melhores canções de Foster, contam-se:

«Swanee River», «My old Kentucky Home», «Old Black Joe» e «Massa's in the Cold, Cold Ground».

## A MÚSICA NÃO ESPIRITUAL DOS NEGROS

A música não espiritual foi completamente absorvida pela música americana. Se bem que as canções espirituais ainda constituam o verdadeiro folclore negro, de carácter religioso e maravilhosas de encanto — quando cantadas por vozes como a de Paul Robeson e Marian Anderson, notáveis cantores negros — é a música não espiritual que, desenvolvida e arranjada, constitui o modelo da música popular americana tão conhecida e apreciada em todo o mundo.

A evolução fez-se gradualmente. As canções folclóricas negras, nas quais o cantor fala das suas tristezas, deram lugar ao género único de música — conhecido por «Blues». Em 1909, o músico negro William G. Handy, compôs os «Memphis Blues», inspirando-se em velhas canções espirituais. Em seguida ao

seu primeiro éxito, encorajou-se a compôr o mundialmente conhecido «St. Louis Blues» e o «Beale Street Blues», que inaugurou a era de «blues». Este género de música, com o seu ritmo sincopado e melódica inspiração, deu lugar ao «ragtime», ao «jazz», ao «swing» e a outras modalidades da moderna música popular americana.

Ainda que, frequentemente, condenados pelos mais puristas — as melhores peças de «jazz» e «swing» são hoje alvo da mais cuidada atenção, sendo Handy e Duke Ellington dois dos nomes a quem muito se deve o seu estado actual. O seu carácter espontâneo é evidente, tanto mais, que o melhor «swing» é produzido nas «jam sessions» (sessões em que se reúne um grupo de músicos, transmitindo o tema de uns para outros, que o escutam livremente). Nos últimos anos, estas «jam sessions» atraíram amadores de música séria a teatros — onde, antes, apenas tocavam orquestras sinfónicas. O clarinete de Benny Goodman e o «trompette» de Harry James são hoje parte tão integrante da música na América, como a ópera, os concertos sinfónicos ou a música folclórica do Sul.

A história do «jazz» encontra-se estreitamente relacionada com a cidade de S. Francisco. Pouco depois, Hollywood tornou-se o seu centro pois os compositores acorriam ali para compôr as partituras dos filmes musicais. Actualmente, nomes como Werner Janssen, George Antheil, Ferde Grofé, Jerome Kern, Cole Porter, Kurt Weill, Erich Korngold encontram-se contratados pela indústria cinematográfica de Hollywood. E não são apenas os compositores mas também os grandes maestros, como por exemplo Leopold Stokowsky que dirigiu a parte musical do filme de Walt Disney «Fantasia».

## EDUCAÇÃO MUSICAL

A criança americana é desde cedo ensinada a apreciar e a compreender a boa música. Os resultados dessa educação musical podem ser avaliados pela audição da Orquestra da Juventude Americana, recentemente criada por Leopold Stokowsky. Na escola de Arte e Música, em Nova York, encontram-se matriculadas centenas de jovens, estudando composições e execução.

As duas mais notáveis escolas de música para jovens — são a Juillard School, em Nova York e a Eastman School, em Rochester. A primeira foi fundada em 1920, por mandato de Augustus D. Juillard, que deixou um legado de doze milhões de dólares para esse fim. A Eastman School, que faz parte da Universidade de Rochester, foi fundada em 1921 com um legado de seis milhões e quinhentos mil dólares, deixado por George Eastman, notável inventor e filantropo americano, mais conhecido pela sua máquina fotográfica Kodak.

Existe ainda uma outra instituição, aonde acorrem artistas, escritores e músicos e que perpetua o nome de Edward Mac Dowell, o mais notável compositor americano do século passado, situada em Peterboro, e que é dirigida por sua esposa. Em 1910 — realizou-se ali o primeiro festival com música de Mac Dowell, que, desde então, se realiza ali anualmente.

## A POPULARIDADE DOS CONCERTOS AO AR LIVRE

Nos últimos anos, atingiram grande popularidade nos Estados Unidos, os concertos realizados ao ar livre. Os mais importantes destes concertos são executados pelas melhores orquestras americanas, em Filadélfia, Tanglewood; no Stadium Lewisohn, em Nova York, aonde acorrem enormes multidões; no Hollywood Bowl, em Los Angeles, onde se podem abrigar 25.000 pessoas; e, finalmente, no Rio Potomac em Washington onde a Orquestra Sinfónica Nacional executa os seus concertos a bordo de um hotelão devidamente arranjado e atracado perto do monumento a Lincoln, reunindo-se a assistência em canoas e nas escadas que conduzem ao rio.

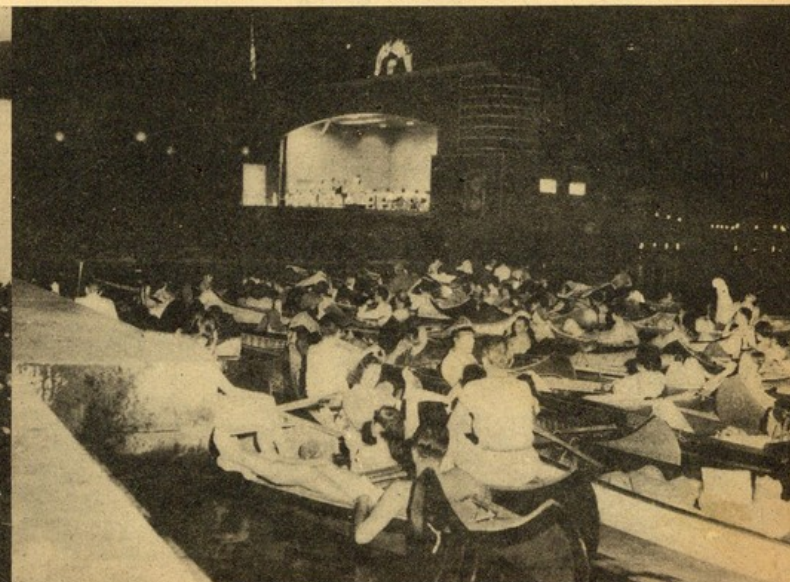
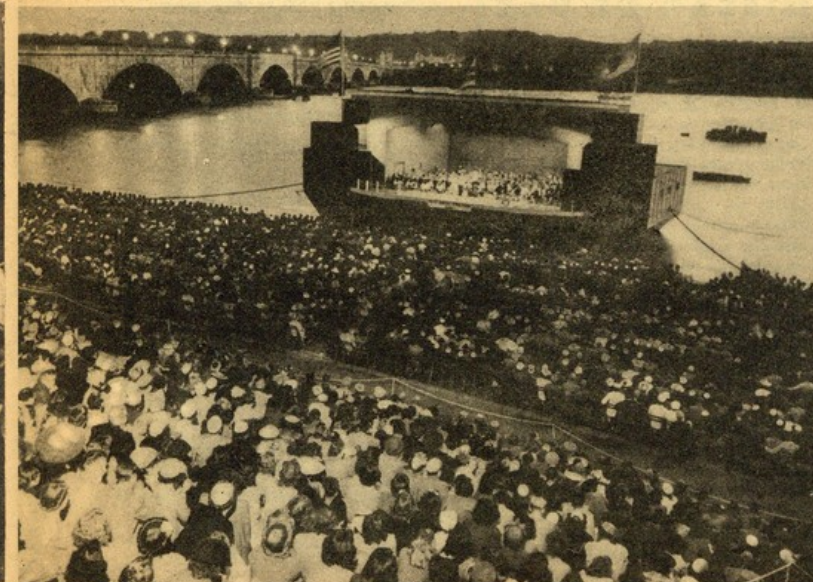
O Hollywood Bowl, o enorme recinto de Los Angeles, foi construído por subscrição aberta entre o povo. Ali se realizam frequentes concertos pelas melhores orquestras e, desde 1934, que se realizam anualmente festivais Bach. Outros festivais característicos são os que se realizam na pequena cidade de Berea, Ohio, com um conjunto vocal composto de habitantes da terra e estudantes da Universidade Baldwin-Wallace, onde se encontra guardada a mais notável colectânea das primeiras edições de Bach. Esta colectânea foi reunida durante 15 anos, por Albert Reimschneider, organista que dirige o festival e um côro religioso.

No verão de 1942, Serge Koussevitsky, director da Orquestra Sinfónica de Boston, promoveu uma série de concertos ao ar livre, a que assistiram milhares de pessoas que para lá se deslocaram propositadamente, afim de ver o famoso maestro dirigir 105 estudantes de música — na execução da Sétima Sinfonia, de Dimitri Shostakovich e da Nona Sinfonia de Beethoven.

Ainda nesse mesmo verão, vários músicos da Orquestra Filarmónica de Viena reuniram-se num magnífico jardim de Bernardsville — revivendo as Serepnatas de Salzburgo. Executaram magistralmente, obras de Handel, Beethoven e Haydn — à luz do luar e de pequenas velas, segundo a tradição de Salzburgo.

Alguns meses depois, em plejo inverno, muitas pessoas deslocaram-se em penosas viagens, através das estradas cobertas de neve, para assistir a um concerto da Pioneer Valley Symphony Orchestra, um grupo que representa o verdadeiro amor que o americano nutre pela música e em que os executantes são pessoas de vários ofícios — entre as quais se encontram um joalheiro, um dentista, um lavrador e vários médicos e operários.

Exemplo flagrante do elevado espírito musical americano!





## ENTUSIASMO

### MEDITAÇÕES PARA O ANO NOVO

VIVER sob o influxo e o signo do entusiasmo parecerá, talvez, crueldade ou sacrilégio nos tempos de trágica aflicção em que nos foi concedido existir e lutar. Mas há muito espécie de entusiasmo... E uma, sobretudo, sem a qual seria quasi impossível resistir aos duros embates e violências da sorte: — o entusiasmo, sempre isento de egoísmos e de hesitações, que nos leva a dedicar-nos e a sofrer pelo sofrimento alheio e a trazer-lhe conforto e alívio; a dar todas as nossas energias ao combate por uma grande causa; a acreditar nos homens e a trabalhar pela sua felicidade; e a erguer-nos acima das mesquinhas cotidianas em busca dalguma nova forma, sendo essência, da beleza, da arte, da poesia, da piedade ou do ideal...

Mais de que nunca, esse entusiasmo nos é necessário para encarar de frente o obscuro porvir e para libertar-nos depressa da teimosa herança da guerras e ódios, e dolorosos desconcertos do mundo. Mais de que nunca!... E nunca, também, nenhum Natal, desde os mil novecentos e quarenta e três nats que a terra viu passar, teve um tão alto e profundo valor de símbolo como esse que ontem ainda celebrámos nos templos, nos lares e nos corações. Nem mesmo o primeiro, cuja suavíssima lembrança stculo a século mais se tem entendido e afevorado... Desta vez, a humanidade inteira — e não apenas gente humilde, doces animais domésticos e três reis generosos chamados pela estrêla mensageira — se curva sófregamente sobre um modesto bérço. Na penumbra que o rodeia, e onde de quando em quando faiscam frias centelhas de aço e lágrimas brilhantes de piedade ou de medo, ninguém pensa já se o bérço é de pobre ou de rico, se humilde palha o formou ou se o envolveram sédas e veludos opulentos. O que se distinguiu e bastou à nossa expectativa inquietada — foi um halo de luz radlosa, resplandecendo com todas as cores da manhã; um fulgor de arco-iris, em que se embõem os olhos ávidos; um longo, lento e mactio despertar de aurora, ainda tímido e trémulo, e, no entanto, já promissado de não se sei que viático de concórdia, da afecto e de harmonia entre os homens...

Que secreto ardor alimenta e suscita esse despertar de aurora, essa promessa de dias melhores — senão o entusiasmo? Entusiasmo que é apaixonada creença no futuro, dádiva suprema que Deus a cada passo vai fazendo às almas tristes ou alegres, pois nem às alegres deverá ser negada essa alegria maior... E quanto mais alastra a maré sangrenta da guerra, o flagelo devastador dos dissídios e malquerenças, mais nos atrai e chama o sonho de infinita perfeição espiritual que o puro entusiasmo de viver em si próprio contém. Tudo poderá ruir em tórno de nós — glórias, vitórias, ambições, illusões, tudo! Mas caminharemos sempre para destinos mais redentores, para mais amplos e límpidos horizontes, se, do bérço modesto em que um menino sorri à angústia dos homens e dos povos, vier a claridade que rasgue sulcos de esperança e dê paz na imensa noite do presente...

Mães que apertais ao peito os filhinhos bem-amados, receosas dum porvir que não imaginas sequer, nesta hora de ásperas incertezas, neste dealbar dum novo ano de batalhas e de apreensões, ensinai aos pequeninos os únicos bens que não perecem: — a coragem que tudo vence, o amor que tudo perdôa, a fé que tudo ilumina, e o entusiasmo, o nobre e varonil entusiasmo que na vida constrói as eternas realidades da bondade, da verdade e da justiça...

JOAO DE BARROS

## FALA-SE ESTA SEMANA

HERNANI CIDADE



As idéias, os sentimentos, as formas de arte — eis os temas a que se subordina o trabalho do dr. Hernani Cidade, denominado «A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina». Obra de larga projecção, ela constitue o 1.º volume de um todo a tratar dentro de um sentido profundo e sério de análise e interpretação, como poucas vezes se terá feito nos últimos tempos. Hoje limitamo-nos a assinalar o seu aparecimento. Mais tarde, o nosso critico literário lhe fará a devida referéncia.

NETO DE PORTUGAL



Neto de Portugal, éle próprio um exemplo de intelligéncia e pertinácia, sem esquecer as suas horas de estudo, no desejo de alcançar o bacharelato, é sargento e tem-se dedicado ao ensino de soldado e de reclusos, para o que foi nomeado officialmente professor. O seu primeiro ano de trabalho na Penitenciária de Lisboa deu-lhe um saldo de 92 distincções de reclusos submetidos a exame de instrução primária. Os alunos distinguidos receberam há dias prémios e, por sua vez, prestaram homenagem ao sr. Neto de Portugal, a quem ofereceram um magnifico tinteiro em bronze, feito pelos presos, nas oficinas da Penitenciária.

## Ceias — para quê?

VÉSPERA de Ano novo, reminiscências do passado, com as ceias lautas, o champagne a transbordar, as serpentinas e os balões a bailar no ar impregnado de perfumes caros e fumo de tabaco. Tudo isto deve andar muito na imaginação de quantos costumam fazer o «reveillon» nos casinos, hotéis «chics» e casas de chá famosas. Mas, tudo isto deve pertencer ao passado. O presente é de dificuldades, de canseiras e problemas de inquietação. Começou o racionamento, toda a população sofre as consequéncias das restricções. Será justo, portanto, que se gastem reservas em ceias por ocasião da passagem do ano, numa função absolutamente inútil — quando essas reservas representam um «superavit» que há-de fazer falta a quem sofre as consequéncias do racionamento ou até da rarefacção de produtos, feita pelo comércio interesseiro?

Se os restaurantes e as casas de chá dispõem de tamanha fartura, não será porque compram, a preços incompatíveis com a bolsa de nós todos, géneros que tanta falta fazem às pobres donas de casa?

Não estamos em tempo de festas que nos levem o arroz, as batatas, o pão e o açúcar indispensáveis à economia doméstica. Está bem que quem tem dinheiro se fique pelas casas «chics» a gastar champagne — e o jantar habitual, comido à meia noite. Mas o que não está certo é que se reclamem autorizações para as ceias lautas — quando tanta gente dá voltas à imaginação, para saber onde é que há-de ir arranjar ovos e batatas para comer com a pequena ração de azeite que lhe coube na distribuição geral.

A polícia tem feito tudo para evitar o comércio negro e impedir o aumento de preços. Mas todos sabem que nenhum dos objectivos tem sido atingido de forma absoluta, porque há sempre «volframistas» que pagam por qualquer preço aquilo que podia ser para todos...

Autorizar as ceias do «reveillon» não seria, de algum modo, fomentar esse comércio negro e incitar a subida de preços?

## MISSÃO DE PAZ

TEMOS uma missão de paz a cumprir nos mares em guerra. Por isso os nossos barcos — como este, que é o «Foz do Douro» — andam na faina de levar roupas e alimentos para as nações com fome e frio. A Cruz Vermelha presta, para tanto, óptimos serviços às nações em guerra, fretando barcos aos países neutros. O «Foz do Douro» navega agora em águas atlânticas, da América, onde foi fotografado, como se vê ao lado, a caminho do pórtio de Lisboa. Traz um grande carregamento de roupas e géneros alimentícios para os prisioneiros americanos na Alemanha. De Lisboa, a mercadoria será levada para Genebra, donde a C. V. I. a distribuirá pelos prisioneiros americanos.

São as broas do Natal — talvez a derradeira mensagem de espírito de guerra, porque um novo ano se aproxima e esse será talvez embalado nas esperanças de uma paz breve...





# ESTAMOS PREVENIDOS CONTRA UMA POSSIVEL EPEDEMA DE GRIPE!



diz o presidente da C. R. P. F.

**A** Direcção Geral de Saúde mandou averiguar pela Comissão Reguladora dos Produtos Farmacêuticos, quais as possibilidades que existiam, nos nossos laboratórios, para ocorrerem, num caso de emergência, à população atacada por qualquer epidemia. Sem levantar qualquer alarme — e nem sequer porque se tenha registado qualquer sintoma epidémico — a verdade é que a Direcção Geral de Saúde pretende estar preparada para todas as eventualidades que, nestes tempos calamitosos, possam surgir.

O sr. engenheiro químico Ricardo Graça, presidente da Comissão dos Produtos Farmacêuticos, recebeu-nos no seu gabinete e esclareceu-nos, com bom agrado, começando por nos dizer:

— As funções que competem a esta Comissão Reguladora estão repartidas por três secções diferenciadas, tratando cada uma, entre outros, dos problemas de abastecimento em matérias primas necessárias às diferentes indústrias. Através da 1.ª secção são tratados os problemas que interessam à indústria farmacêutica e à saúde pública; pela 2.ª secção são tratadas todas as questões que dizem respeito aos produtos necessários à lavoura, tais como os adubos, correctivos agrícolas, fungicidas, etc., e a 3.ª secção tem a seu cargo a coordenação dos abastecimentos em produtos químicos às variadas indústrias que deles necessitam.

— E, então, no caso que diz respeito a possíveis epidemias?...

— Posso dizer-lhe que a situação é satisfatória. As necessidades impostas a este organismo, para aquele efeito, pela Direcção Geral de Saúde Pública, através do seu delegado nesta Comissão Reguladora, Dr. Bernardino de Pinho, serão quasi totalmente satisfeitas no momento oportuno. Na verdade, para o tratamento eventual da gripe, previsto para um número de doentes acima das duas centenas de milhar, os produtos e as quantidades indicadas pela Direcção Geral de Saúde Pública, à excepção de dois ou três, existem já no país e, para alguns, em quantidades muito superiores às indicadas. Com efeito, tratando-se, para a maioria dos casos, de produtos de importação, as circunstâncias actuais têm tornado difícil a aquisição de certo número deles. Contudo, para os dois ou três a que fiz referência estão sendo efectuadas rápidas diligências para a sua aquisição. Por exemplo, para os sais de quinino, temos a promessa de serem coroadas de êxito negociações já demoradas e laboriosas; todavia, não estamos totalmente desprevinidos para os primeiros tratamentos a efectuar. Nas disposições tomadas estão previstos os tratamentos para doentes hospitalizados e não hospitalizados, e contamos com os laboratórios nacionais para dar inteira satisfação no cumprimento do que lhes for exigido no momento próprio, podendo afirmar que se encontram em condições e com possibilidades de resolver inteiramente a questão. Os laboratórios nacionais estão já, em grande medida, supridos a falta de importação de alguns medicamentos estrangeiros, e se não fossem as dificuldades encontradas na importação de algumas matérias primas, mais teriam avançado neste campo.

E, depois de uma pausa:

— A propósito, é interessante afirmar que esperamos dentro em breve seja tratada a montagem de uma grande unidade industrial em que estão interessados mais de 50 % dos laboratórios agremiados. Há tudo a esperar dos nossos laboratórios de medicamentos e, até, no momento presente, parte dos elementos necessários à preparação dos medicamentos para fazer face a uma epidemia de gripe se encontram já em seu poder e prontos a serem utilizados à primeira voz. Tudo está a ser tratado convenientemente e com o detalhe necessário a uma rápida intervenção de quem de direito. Já sabemos onde podemos encontrar frascos de 20 a 50 gramas e sabemos, neste momento, de quantas seringas de 1, 2 e 10 centímetros cúbicos, frascos conta-gotas, pipetas, etc., podemos dispor. Como vê, pois, o público tem o dever de confiar em nós. Mas...

— Mas...

— Será bom que também confie nele próprio, evitando adoecer!



## UMA OBRA EM MARCHA

**C**ASCAIS tem, de há dois anos a esta parte, um hospital que a sua situação geográfica e política reclamava. Os cascaenses são briosos, amigos da sua terra — talvez lhes possamos chamar baírristas — e por isso conseguiram pôr a funcionar uma apreciável máquina de assistência. O Hospital da Misericórdia, de facto, é um exemplo e ao comemorar há pouco o seu 2.º aniversário, ficaram bem expressos os sacrifícios e virtudes de quem tudo faz, para dar a Cascais um excelente hospital. À festa do aniversário foi o sr. Presidente da República que vemos na foto, quando entregava ao sr. dr. Luís Quintela, director do Hospital, a medalha de reconhecimento do povo de Cascais.

## NOTAS RAPIDAS



A figura e a obra do professor Leitão de Vasconcelos foram exaltadas, há dias, numa sessão que se realizou na Casa das Beiras — pois beirão há dois mais ilustres foi o notável homem da ciência. O sr. general Carmona presidiu à sessão, que teve brilho e significado excepcionais, tendo falado do falecido mestre os Drs. Almeida Eusébio, Vieira de Almeida e Jaime Lopes Dias. A foto dá-nos um momento do discurso do sr. dr. Almeida Eusébio.



O Pôrto tem agora, devidamente instalado, mais um estabelecimento de cultura: o Instituto Brásílico, cuja sede foi inaugurada com uma cerimónia digna do significado cultural e social que o acto representa. A foto dá-nos um aspecto da mesa da presidência.



Firma-se nos melhores propósitos e realizou já vasta obra a Associação Protectora da Primeira Infância, que há 43 anos vem exercendo o sacerdócio do amor aos pequeninos mal fadados ao nascer. Na sessão solene com que foi assinalada a passagem de mais um aniversário da benemérita casa de assistência, o sr. dr. Pina Júnior, perante o Chefe do Estado, que presidiu à cerimónia, pôs em destaque as realizações e as aspirações da obra que ele dirige.



As alunas de corte «Lucy» não se esqueceram das crianças que têm frio. Durante um ano foram confeccionando, nas horas vagas, os vestidos que se vêem na foto e que figuraram na exposição inaugurada pelos srs. ministros da Argentina em Lisboa, numa sala da rua do Alentejo.



## O CINEMA NÃO ESTEVE NOS AREAIS DE PENICHE

**N**ÃO se apagou ainda a funda impressão deixada pelo naufrágio do «Fernando Ybarra», nos areais de Peniche. Os jornais publicaram amplas reportagens e descreveram, a par e passo, o drama deste terrível capítulo da história trágico-marítima. Cerca de 30 homens, num barco encalhado, a duzentos metros da praia, procuravam lutar contra a fúria do mar e algumas dezenas de outros homens, dedicados e abnegados, excederam os próprios limites da coragem, na ânsia de arrancar os naufragos ao seu pavoroso destino.

Imagens de dor, desespero e solidariedade humana, como nos faz bem comparar os passos deste drama tenebroso com as outras imagens que o cinema nos traz dia a dia: nos calmos Oceanos; a guerra dita a obrigação de afundar navios e, nessa altura, o homem, capaz de morrer pelo semelhante, encarna-se e compraz-se na sua destruição! Toda a filosofia de tão antagónicos aspectos se subordina e resume aos ditames destas duas idéias — paz e guerra! Não há, pois, que divagar sobre um tema que cinco anos de luta parecem ter tornado tão sedição nas consciências, como inútil nos resultados, perante a teimosa persistência dos próprios factos.

Se o trazemos a esta página é apenas para lamentar que o cinema haja primado pela sua ausência nos areais de Peniche. A câmara cinematográfica perdeu um dos mais cruciantes dramas da vida dos mareantes e, ao mesmo tempo, não registou a epopeia dos pescadores humildes da terra portuguesa, dos velhos e heróicos lobos do mar das praias lusitanas que, em dado momento, arrostaram contra o impossível e fizeram-se ao mar, prontos a morrer pelos homens que, sem esperança, agonizavam na carcaça do barco desmantelado! Que lição admirável de estoicismo, de grandeza, de amor pela vida do semelhante o cinema deixou de gravar nas imagens vivas de celuloide! Como faz pena saber que tal filme, que tinha uma projecção mundial pelo próprio sensacionalismo do assunto, não correrá nas telas dos cinco continentes, só porque não houve um operador cinematográfico que se lembrasse de levar a sua câmara ou o seu «kinamo» até às areias do Baçal.

O facto traz a terrelro, novamente, o problema das actualidades portuguesas e o da impossibilidade de evitar a sua repetição enquanto elas não tiverem uma organização pronta a responder à primeira chamada e que ocorra ao local do acontecimento com a mesma diligência e a mesma presteza do repórter ou do enviado especial dos rotativos. O problema não ficará, por sua vez, pôsto em equação, se não dissermos que para tanto é necessário e urgente fomentar e dar condições de vida aos que se abalancem a semelhantes iniciativas. Desta vez, houve apenas falta de visão ou comodismo, porque o assunto era por tal forma excepcional, e tinha tanta projecção no mundo exterior, que os gastos seriam forçosamente compensados com a exploração no país e a venda para o estrangeiro. E não vá alegar-se que não houve maneira de chegar a tempo, porque a agonia do barco foi lenta e a tragédia só teve o seu desenlace, previsto aliás, quarenta e oito horas depois do início. Chegaram a horas os redactores, os repórteres fotográficos — e só o cinema «falhou».

Portugal perdeu, assim, uma oportunidade excepcional de dar ao mundo a imagem flagrante do heroísmo e da dedicação do seu povo, na tarefa sublime de arrancar ao mar as vidas dos que no mar mourejam.

E do problema das actualidades falaremos, mais de espaço, outro dia. Por agora quisemos apenas assinalar a sua importância, servindo-nos de um exemplo recente.

FERNANDO FRAGOSO

## ELEANOR POWELL

*Que tal acham esta atitude de Eleanor Powell?... Tem ou não umas pernas lindas?... A famosa bailarina e vedeta cinematográfica aparece-nos nesta foto num dos seus últimos filmes, onde evidentemente ela sapateia como poucas. Diz-se mesmo que esse filme é considerado na América o melhor por ela interpretado até hoje.*



## O NATAL DA FAMÍLIA HARDY

**A** família Hardy, a mais célebre família do cinema, a família-tipo americana, festejou, há dias, alegremente, a noite do Natal. Muito embora Mickey Rooney seja um homenzinho, e a Miriam, sua irmã cinematográfica, tenha já os seus descarrilamentos sentimentais — na casa do austero juiz de Carvel continua a fazer-se a árvore de Natal. Pelos vistos, o juiz Hardy, que «gosta imenso de pescar», encontrou no cintilante pinheiro das oferendas o seu «brinquedo» favorito, Mickey, cuja paixão pela música é proverbial, deliciou-se com um «jazz» completíssimo, que toda a manhã atrou os ares pondo em alvorôço a vizinhança. Cecilia Parker, Fay Holden e Sara Hadden — a Miriam, a mamã Hardy e a tia Milly — encontraram também brindes ao seu gosto na alegre árvore de Natal da família Hardy.

## DEPOIS DA MILÚ SERA A VEZ DA TATÃO? LEONOR MAIA DECLARA Á IMPRENSA MADRILENA QUE AS SUAS AMBIÇÕES SÃO: UM LAR COM FILHOS!

**Q**UANDO saiu do Rossio, como estão lembrados, Leonor Maia, a «Tatão» do «Pai Tirano», declarou perentoriamente:

— As minhas ambições não se conciliam com o casamento!

E ficaram descansados. Porque depois que Milú veio de lá disposta a renunciar a tudo que não fosse «o doce lar» — tememos que Leonor Maia lhe seguisse as pisadas... Mas a vedeta garantiu-nos, a fé de quem era, que não se casaria, porque estava seriamente resolvida a dedicar-se ao cinema.

A «Tatão» chegou a Madrid e os jornalistas entrevistaram-na. «Primer Plano» publica as suas declarações.

O jornalista começa por afirmar que tanto Leonor Maia, como Iracema Dilliani, que se encontrava presente, se dedicam ao cinema, «muito embora não fossem êsses os seus sonhos». Porque a primeira queria ser bailarina e a «Tatão» para realizar as suas ambições «contenta-se com o casamento».

Isto, que já seria assustador, aparece singularmente reforçado com outra afirmação da vedeta, quando lhe perguntaram «o que ambicionava fora do cinema»:

— Um bom marido e filhos!

Não resta dúvida de que Madrid tem um poder mágico sobre o sentimentalismo das nossas estrelas. É bem verdade que só se avalia um bem, quando se perde! E «perdê-lo», aqui, seria... perdê-lo de vista! Terá ficado em Lisboa o melhor afecto de Leonor Maia?

Madrid — a alegre, a risonha, a monumental Madrid — está-se tornando a cidade mais casamenteira da

Península. As vedetas portuguesas que queiram casar-se, já sabem o caminho: filmar em Espanha.

Depois de milos perdido cinematográficamente a Milú, iremos perder a «Tatão»? Não! Seria demais...

Mas ela já fala tanto em casamento, que... Lá diz o ditado, não há fumo sem fogo...

### A VERSÃO CINEMATOGRAFICA DE «FREI LUIS DE SOUSA»

**D**EPOIS da versão clássica e da versão «colácica» de «Frei Luís de Sousa», um leitor aventa a hipótese de se fazer mais uma versão do famoso drama de Garrett — a versão cinefília. E, para êle, sugere a seguinte distribuição:

Madalena Coutinho	Teresa Casal
Maria	Maria Doming.
Manuel de Sousa...	Barreto Poeira
Telmo Pais	António Vilar
Romeiro	Óscar de Lemos
Frei Jorge	Oliv. Martins

Se algum realizador quiser aproveitar a sugestão — ela aqui fica. Podemos assegurar que esta versão não deixaria de ter o seu pitoresco...

### EM MADRID!

**N**O seu número de 20 do corrente, «Primer Plano», uma excelente revista de cinema espanhola, publicou uma curiosa crónica a propósito da entrevista que a vedeta cinematográfica Império Argentina concedeu à nossa Revista. Os nossos agradecimentos.



CINCO ARTISTAS DE TEATRO VÃO FAZER UM FILME!



**T**EMOS um encontro marcado para as seis e meia da tarde, no Ginásio. Somos pontuais mas só nos aparece Erico Braga, um pouco escondido no chapéu e no sobretudo... Os outros vêm mais tarde, trazendo no grupo o António Vilar, Simão Botelho, Emília de Oliveira e a última a comparecer.

Enfim, a máquina registou as expressões dos cinco principais intérpretes de «O Violino do João». São eles: Ada Luftman e Igrejas Caetano, como protagonistas. Depois o Villaret, Emília de Oliveira e Erico Braga.

Todos artistas de Teatro. Todavia, Ada Luftman é a única a estrearse verdadeiramente em cinema. Os outros já deram as suas provas... Ela está entusiasmada. A um cantinho, longe de ouvidos indiscretos, disse-sos que a sua grande ambição seria triunfar e tornar-se uma grande estrela. Adora o teatro, mas ainda prefere o cinema. Solteirada, num filme assim onde salta, dança, anda a cavalo e até pode falar com a sua pronúncia graciosamente estrangeirada.

Mais uma foto de Braz Alves — a primeira foto que ele dá a jornais portugueses como realizador cinematográfico. De seguida, a entrevista — igualmente a primeira entrevista que Braz Alves concede à imprensa, a respeito do seu já próximo filme. De seguida, a entrevista — igualmente a primeira entrevista que Braz Alves concede à imprensa, a respeito do seu já próximo filme.

CINCO PREGUNTAS E CINCO RESPOSTAS

A nossa curiosidade não tarda a interrogar:

— Qual a razão por que preferiu artistas de teatro para o seu filme?

— Ele esperava outra pergunta pior. O sorriso não vacila. Acentua-se:

— Precisamente porque não quero improvisar! Para fazer cinema bom, verdadeiro, é necessário contar com um mínimo de recursos da parte dos artistas...

— E estes satisfazem-no?

— A resposta é rapidíssima:

— Em absoluto. Aliás, eu próprio escrevi os papéis pensando n'elles. Nem doutra forma se pode fazer bom cinema ou bom teatro.

— Deixamos passar em silêncio, de propósito. E, logo, uma interrogação forte.

— Qual o motivo que o leva a tentar o cinema?

Braz Alves senta-se no bordo da mesa. Reflete um pouco.

— Vim para o cinema, porque assim o quis. Mas venho com a consciência com o mínimo de consciência que feita a muita gente.

Enthusiasma-se e continua, olhando-nos sério:

— Tenho escrito umas coisas, peças de teatro e argumentos de cinema, apenas para a gaveta... Mas agora achei que o momento era propício para fazer cinema. E aqui estou pronto a dirigir uma história da minha autoria, de pura imaginação, mas que serve para todas as épocas e para todos os países... E preciso arranjar ao cinema português uma projecção internacional.

Não queremos deixar de lhe fazer uma pergunta de devassa.

— Que nos diz sobre os seus colaboradores?

Braz Alves sonda-nos com um olhar insistente.

— Tenho absoluta confiança em todos eles. E, já agora, aproveito a ocasião para esclarecer umas certas dúvidas. Em primeiro lugar, devo dizer que escolhi Armando de Miranda para assistente geral do meu filme, por o conhecer há 20 anos, por acreditar que ele possui uma sensibilidade que merece ser aproveitada e ainda por razões que só poderei revelar mais tarde... Em segundo lugar, afirmo que toda a qualquer responsabilidade do filme, no que está feito e no que há para fazer, cabe totalmente à minha pessoa!

Atacam-lo por fim, com a quinta e última pergunta da nossa série.

— Sabe que tem sido visado duramente em artigos de imprensa?

Braz Alves defende-se. E a sua voz, já de si forte, torna-se ainda mais forte.

— Sei, sim senhor... E revoltava-me que pessoas medianamente cultas possam chamar incompetente a alguém que nem conhecem. Esperem pela obra, ao menos. É cedo demais para falar. Competente ou incompetente, ver-se-á depois...

E conta-nos uma história que se passou com ele próprio, há anos. Comprou uma quinta e os lavradores vizinhos disseram logo que se estava a meter na vida deles...

Braz Alves remata:

— Eu não sabia que comprar uma quinta era meter-me na vida dos lavradores. Pensava que era apenas tornar-me lavrador...

Sorrisimos. E antes de se despedir, ainda nos diz:

— Não tenho medo. Antes de vir a Lisboa, já conhecia Lisboa. Tinha visto as fotografias!...

Salmos. Cá fora, na outra sala grande, continua o ensaio do bailado. Um, dois, três, pernas ao ar... António Vilar passava, romântico e sonhador, fazendo olhares de êxtase. Ficou assim desde o «Amor de Perdição»... Armando de Miranda lê o jornal da tarde... Alda Luftman olha as raparigas que dançam.

Na rua, passa gente, muita gente. É véspera de Natal. Para o outro Natal já «O Violino do João» deve ser uma realidade!...

REPÓRTER DOIS

ACERCA DA VERSÃO B DE "FREI LUIZ DE SOUSA" Que diriam certos críticos intangíveis se vissem dansar a Conga na "Comédie Française"? — pergunta João Villaret

**T**EAURO Nacional, camarim de João Villaret, penumbra dum tarde dezembrina. Ladeando a mesinha de «toilettes» as fotografias dos reis de Inglaterra. Ao centro, um soldado de arma em punho, de olhar perdido num sonho qualquer. E perto, muito perto, uma grande cabeleira barba sem cabeça...

Nós e o silêncio. A volta, telegramas de boas-festas, livros de poesia, cadeiras e um divã muito fôfo...

Villaret está em cena mas aparece daí a pouco.

Falamos de teatro. Falamos de «Frei Luiz de Sousa», das suas duas versões, dos comentários levantados à volta do maior acontecimento teatral da época.

E Villaret insurge-se sinceramente contra a opinião de alguns críticos.

— Não compreendo como se aproveitou do pretexto da nova encenação para vir fazer afirmações de carácter absolutamente particular.

E concretizando e enchendo o camarim com a sua voz calma:

— Houve até quem dissesse que Amélia Rey Colaço não tinha a disciplina dum escola. Pois bem, eu trabalho aqui há onze anos e posso afirmar desde já: na empresa Rey Colaço-Robles Monteiro encontrei sempre a mais honesta disciplina, o maior escripto de trabalho e o maior respeito pelo público e pelos artistas.

As mãos de Villaret abrem-se para apanhar um pouco de espaço. Os seus olhos poissam longe de nós.

— E torna-se lamentável o facto de ser necessário a um artista da companhia vir lembrar que, pelo menos, nos últimos dez anos, todas as iniciativas de teatro verdadeiro e puro têm saído do amor pela arte e do esforço de Amélia Rey Colaço.

— Portanto, acha meritória a nova encenação de «Frei Luiz de Sousa»?

— Sinceramente. Até aparecer melhor, deve continuar a ser representada a versão B, renovando talvez apenas a distribuição de alguns papéis...

— Mas dizem que a versão antiga está mais de acordo com o pensamento do autor...

Villaret sorri. As suas mãos unem-se, agora, como que numa prece.

— Deixe-os falar... Calcule, nem sequer os cenários de Manini são do tempo de Garrett. E eu pergunto mesmo a esses senhores críticos: «Onde está o ambiente de tragédia nos cenários de Manini? Nos detalhes manmelinos com azulejos d'viduosos? Onde? Eles que respondam. Não nego de maneira alguma

a maestria de Manini. Acho, porém, de-lorável, o seu gôsto de arte. Por mim, prefiro incomparavelmente os cenários de José Barbosa.

E logo, Villaret inclina-se um pouco para nós:

— Para compreender «Frei Luiz de Sousa» é necessário acima de tudo compreender a época em que a acção se passa. Porque «Frei Luiz de Sousa» vale principalmente como um drama das convenções!

Lembramo-nos da maneira como é interpretou o seu escudeiro — aquele escudeiro que falava com um tom autoritário, sem o ar de servilismo de que era uso e costume revestir esse papel.

E lembramo-nos também dos comentários feitos à interpretação de Villaret.

— Qual a razão porque interpretou assim o seu papel de escudeiro? Ele olha-nos, com satisfação.

— Ainda bem que mo pergunta...

Faça-me o obséquio de transcrever uma nota do próprio Garrett acompanhando a edição de «Frei Luiz de Sousa»: «Estes antigos familiares (escudeiros) das casas ilustres... ainda na minha infância conheci alguns representantes. Nas provincias, e, principalmente, nas do Norte, até ao começo d'êste século, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o último vestígio do pouco que havia de «nobreza» nos hábitos feudais».

Isto escreveu Garrett — e eu mais não fiz do que seguir as suas indicações. Ficarão satisfeitos os senhores críticos?

E Villaret efita altivamente os tais críticos que não se vêem.

— O objectivo principal da nova encenação de «Frei Luiz de Sousa» residiu na tentativa de insuflar nessa jóia do património literário português uma nova aspecto visual e, consequentemente, dramático...

A arte teatral nada sofreu na dignidade. Olhem para os estrangeiros. Todos os melhores encenadores de França renovaram os processos de encenação.

Villaret pára, sorri e pergunta: — Que diriam certos críticos intangíveis se vissem dançar a Conga na «Comédie Française» nesta última peça de Claudel, com música de Heger?

A entrevista termina. João Villaret dá o remate:

— A arte não vive de mortos! Vive da vida que nos legaram os vivos da Grécia que estão vivos, como bem mortos háo-de estar sempre os que nunca conseguiram criar!

As palavras ficam no espaço. João Villaret regressa ao tablado...

G. M.

ÁS TRÊS PANCADAS

**TEATRO INFANTIL** — Estreou-se no Nacional uma nova fantasia de Teresa Canto. Apesar de pretendermos e defendermos um «teatro infantil» diferente daquele que nos é apresentado em palcos portugueses — mais perto da realidade, sem perder a poesia do sonho... — não podemos deixar de reconhecer as louváveis qualidades de Teresa Canto, esse pseudónimo bonito que encobre um nome também bonito...

Destá vez, a peça chama-se «O João Pateta» e caminha já mais dentro dum sentido próprio para adolescentes e até adultos. Perdeu poesia e ganhou realidades — é certo. Mas pergunta-se: teria perdido a dose conveniente de poesia e ganho a dose necessária de realidade? Parece-nos que ainda não. E quando escrevemos ainda quer dizer que aguardamos de Teresa Canto qualquer coisa de mais sólido, de mais profundo e de mais definitivo.

**AINDA SOBRE TEATRO INFANTIL** — Já dissemos uma vez e voltamos a dizer: representar bem para crianças é mais difícil do que representar para adultos. Na verdade, a compreensão da criança baseia-se no pomenor e não no todo. Antes de conhecer a história, o cérebro infantil tem de entender as personagens. Personagens que andem no seu mundo pequenino, meio sonho — meio realidade, meio sério — meio brincadeira...

Por isso, registamos aqui o nosso aplauso sincero a Maria Lalande. Parabéns! Ela consegue ser uma grande artista, tanto para os espectadores adultos como para os espectadores infantis. Que exemplo magnífico, o da sua interpretação em «O João Pateta»! Assim, sim, as crianças aprendem a gostar de teatro. Maria Lalande é, indiscutivelmente, uma das nossas artistas mais inteligentes. Ela sabe o que faz e porque o faz. Mas uma vez, parabéns, muitos parabéns!





QUADROS MODERNOS, OBJECTOS DE ARTE EM COBRE, FERRO, MADEIRA, ETC.

**STOP**

APRESENTA OS MELHORES VOTOS DUM NATAL FELIZ  
E UM NOVO ANO CHEIO DE PROSPERIDADES

RUA NOVA DA TRINDADE, 8, A — TELEFONE 28488

DESENHOS, RÓTULOS, EMBALAGENS, CARTAZES, DECORAÇÕES, PUBLICIDADE, ETC., ETC.



*Bom Gosto...*

Não revela somente, quem oferece um elegante ramo de flores. Também na escolha da casa para e execução dos seus trabalhos V. Ex.<sup>a</sup> dá uma prova de BOM GOSTO.

OS ATELIERES GRÁFICOS

**BERTRAND IRMÃOS, L. DA**  
PRIMA PELA QUALIDADE  
DOS SEUS TRABALHOS

LEIA TODOS OS SÁBADOS

**VIDA MUNDIAL**

Um jornal que vale  
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

**"TERROR"**

(Continuação da pág. 24)

idiotizada, como que alheia ao mundo em que vivia.

— Pobrezita, — diziam — acabará por enlouquecer.

E o jovem duque repetia a cada passo como numa obsessão:

— O ruído! Lá está o maldito ruído da cadeira da secretária...

Aquilo era algo de sobrenatural. O além manifestava-se. O Castelo estava assombrado!

Um anatema terrível pesava sobre toda a descendência do velho Castelo e... acabariam todos por enlouquecer.

Uma tarde, o jovem duque decidiu-se a procurar um octogenário que diziam feiticeiro, e morava umas léguas para além dos domínios do Castelo.

— Senhor... — afirmou-lhe o velho — o espírito do falecido escritor para sobre a vossa senhoria residência...

— Não creio em espíritos, imbecil! — chasquinhou numa risada contrafeita o jovem duque alanceado, que parecia agora um espectro do sofrimento.

— As formas-pensamento que o seu cérebro criou — insistia o homem imperturbável — pairam sobre vós como fantasmas e a alma déle, insatisfeita e materializada, vive entre os seus personagens e aferrada aos bens que deixou na terra, ameaçando a paz das vossas almas e a segurança dos vossos cérebros...

Dizia a verdade o velho feiticeiro, ou seria um outro louco que lhe apparecia no caminho para lhe minar a existência atribulada? É certo que havia o ruído... Sim, o ruído que se ouvia todas as noites... Aquella maldita cadeira que todos ouviam arrastar por altas horas no seu riscar arrepiante sobre o lagédo...

E o jovem duque, obcecado pela idéia sinistra do espírito do escritor trabalhando na sua própria secretária até a deshoras, foi caminhando, cosido com as paredes, direito ao escritório, imerso na escuridão, onde, oculto no vão duma porta, esperou, nevrótico, que batesses as quatro horas na torre do relógio.

Soaram finalmente, uma a uma, as pancadas no brônzeo sino. O jovem duque de olhos muito abertos na escuridão, fixava o ponto impreciso, onde se devia encontrar a sua velha cadeira de espaldar e, lentamente, tirando o revólver da algibeira, apontou-o friamente no vácuo com a calma e a precisão dum atirador experimentado.

Ouviu-se um tiro, e uma vaga chama iluminou frouxamente e por instantes o escritório. Um grito agudíssimo de angústia repercutiu pelas abóbadas do Castelo, ao mesmo tempo que se ouvia o baque surdo dum corpo no lagédo.

— Matei-te, finalmente, bandido! — gritou o duque numa suprema satisfação de ensandecido, enquanto accendia repentinamente a luz.

— Mãe! Mãe! Minha mãe, pois eras tu!... — e um gargalhar sinistro consumou a obra demoníaca que tivera origem num sinistro pesadelo.

— Ah! Ah! Ah! Ah!...  
O duque tinham enlouquecido e assassinado sua mãe que se levantara de noite para vigiar o filho estremeado que há muito mostrava tendência para a grave enfermidade que acabava de se manifestar trágicamente.

O pano desce rápido e o público sai satisfeito com o formidável desempenho da tragédia "Terror", o magnífico cartaz do Grand-Guinol naquela época de inverno de 1913.

**MEDICINAL**

**PASTA COUTO**

**TRATA**  
gengivas descarnadas  
ou sangrentas

**EVITA**  
estomatites mercuriais  
ou bismuticas

**MATA**  
os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves

**Couto, L. do Porto**

**MÓVEIS**

**COSTA**

Móveis de  
que se gosta

**DECORAÇÕES**

8640 — Fábrica:  
Rua João Pedro  
Ribeiro, 727

Salões de exposição e venda:  
7502 — Rua Ricardo  
Jorge, 34-32  
(Baixos do Cinema Trindade)

**Luiz Ferrão**  
LOTARIAS

A casa mais feliz no norte do país  
RUA FERNANDES TOMAZ, 863  
(Próximo ao Bomjardim)  
Telefone 6905 — PORTO

ESTE NÚMERO DE VIDA MUNDIAL ILUSTRADA  
FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
GRÁFICAS DE BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>da</sup>,  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

*Cuide da sua pele...*

Usando o sabonete TAIFAS, fabricado com matérias primas tecnicamente escolhidas. Em pouco tempo a sua pele tornar-se-á macia e avuludada.





## TEM DEZ ANOS... E UM GRANDE SONHO: SER ESTRÊLA DA RÁDIO

**N**AQUELA casinha sem importância, mora uma menina. Em muitas casinhas sem importância moram muitas meninas. Nesta, porém, vive uma menina especial, com uma voz especial.

Tem dez anos. Dez anos apenas. E chama-se Maria Amélia. É uma linda criança de cabelos castanhos e de olhos negros onde paira muito sonho. — Que queres tu ser Maria Amélia? — Cantar... cantar no rádio...

Nesse tempo, Maria Amélia tinha sete anos. Mas aquilo é sonho bonito já existia, forte, intenso, a dominá-la. Os pais de Maria Amélia sorriam. Um sorriso que era uma mescla de indiferença e de descrença. A sua menina artista da rádio? Podia lá ser! Não. A Maria Amélia havia de fazer exame de quarta classe e, depois, se a sorte ajudasse, entraria para o liceu ou para a escola comercial. Professora, médica, advogada... Pelo menos contabilista ou caixa, que sempre ajudaria o pai, nos encargos da casa.

Mas o sonho bonito da Maria Amélia é que não murchava nem morria. Pelo contrário. Uma vizinha do andar superior tinha um aparelho de rádio. Pois sempre que apitava a mãe descuidada, a Maria Amélia escapulava-se por uma mesquinha da porta, trepava aquêle lance de escada e, muito quieta, muito atenta, punha-se à escuta daquelas músicas de embalo que a telefonia cantava.

— Maria Amélia! — gritava a mãe — Mas onde se meteu aquela criança?

E Maria Amélia aparecia a correr, muito vermelha e afogada, mas já com uma mentirinha de baixo da língua:

— Bateram à porta... fui ver quem éra...

A mãe acreditava. O que lhe fazia pasmo era ouvir a filha cantar umas músicas e uns versos que desconhecia.

— Onde aprendeste tu isso?...

### À ESCUTA

**A**CHAMOS muito bem que José de Oliveira Cosme componha as suas músicas e faça os seus versos. Alguns trabalhos seus são mesmo de bastante valor. Mas não acham que é um pouco exagerado, quando se liga para o Rádio Clube Português, estamos não estamos a ouvir o locutor anunciar: «Agora, a composição X, música e letra de José de Oliveira Cosme». Não serão composições a mais do mesmo autor?

\*\*\*

Maria Clara é de todas as artistas do nosso radiofónico que tem a voz mais radiofónica. Porque não havemos de a ouvir na «Hora de Variedades» da Emissora?

\*\*\*

Quem será aquêle locutor pirilampo do Rádio Clube Português que, conversando com a Maria Eduarda, imita tão escandalosamente o Olavo d'Eça Leal nas algumas das suas entonações radiofónicas?

\*\*\*

Durante muito tempo se disse que Maria Domingas tinha casado. Durante muito tempo, também, se disse que continuava solteira. Antes que se diga mais qualquer coisa, é melhor a Maria Domingas dizer de que lado está a verdade...

A resposta de Maria Amélia era uma evasiva. Mas um dia a mãe, notando o desaparecimento da filha, percorreu toda a casa, espreitou de baixo das camas, do guarda-foto e, já um tanto inquieta, foi descobri-la, por fim, no andar de cima, sentada no palmar, cabeça encostada à porta, ouvindo uma canção que a Emissora transmitia.

Não a chamou, nada lhe disse. Mas à noite, quando o marido veio jantar, fêz-lhe um sinal e os dois tiveram, na cozinha, uma grande conversa. A Maria Amélia sentia que qualquer coisa estava a passar-se. Os modos misteriosos da mãe, a maneira como fizera sinal ao pai e aquela conversa na cozinha, de que, por mais que apurasse o ouvido, apenas escutava leve rumor ininteligível, davam-lhe que pensar, acicatavam a sua curiosidade.

De súbito, o pai falou um pouco mais alto e ela pôde ouvir que pronunciavam o seu nome. E pensou que a mãe possivelmente teria descoberto aquelas fugas para a escada e agora estava fazendo queixas ao pai. E o pai ia ralhar-lhe, e talvez lhe puxasse as orelhas...

Os olhos de Maria Amélia ensombraram-se por espessa névoa de tristeza. Aos poucos e poucos, os lábios iam-se enrugando, fazendo «beicinhos». E pronto: a Maria Amélia começa a chorar. Lágrimas tristes, muito sentidas. Oh, que infeliz ela se sentia!

Os pais acorrem, surpreendidos. O que foi, o que não foi? Maria Amélia obstina-se num silêncio; mas as lágrimas, essas continuavam a cair, pingo a pingo, dos seus olhos de menina.

Então dão-lhe a grande novidade, produto daquela conversa que tanto a atormentava. Maria Amélia nem podia crer. Muito abertos, os seus olhinhos luziam de dúvida, surpresa e alegria. Podia lá ser? Ela a aprender canto e piano? Ela a ter um aparelho de rádio que lhe educaria a voz, que faria dela uma artista, uma artista de rádio, realizando, assim, todo o seu sonho bonito?

Não podia crer, não. Só acreditou quando, no outro dia, a mãe a arranjou muito bem, vestiu-lhe o vestido novo, pôs-lhe o laço branco no cabelo e a levou até a casa da professora Jenny Teles, que tem algumas músicas para serem cantadas na Emissora pelo Orlando Settimelli e pelo Domingos Marques.

E começou uma nova vida para a pequenita Maria Amélia. Nada de escola comercial nem de liceu. O Conservatório, sim. O Conservatório será a sua escola.

Com poucas semanas de lição, já a Maria Amélia se via diante de um microfone, no Rádio Graça. E a sua vozinha saía límpida, harmoniosa. Quando acabou de cantar, o coração batia, batia. Mas a Maria Amélia triunfara...

Mas... (há sempre um «mas» na história e na vida...) parecendo que não, o dinheiro que se gastava naquelas viagens, duas vezes por semana, no Rádio Graça, vinha sobrecarregar o orçamento doméstico, já tão sobrecarregado. E a Maria Amélia deixou de tomar parte nas emissões. O que ela chorou! Agora já está mais conformada. Tem uma promessa — uma linda promessa — de ir cantar para a Emissora Nacional, na «Hora de Variedades».

Maria Amélia tem um grande admirador: Domingos Marques. Ela, por sua vez, tem uma grande admiração pela Maria da Graça e pela Maria Gabriela.

O repórter perguntou-lhe: — E quais são os teus planos, Maria Amélia?

Um sorriso. Os seus olhos brilham, tornam-se mais expressivos, mais gaiatos:

— Gostaria muito que o senhor Artur Duarte não fizesse ainda a «Menina da Rádio»... que esperasse por mim, até eu crescer...

REPORTER UM

# R Á D I O

## COMPOSITORES DE MUSICA PORTUGUESA, APAREÇAM!

**Q**UANDO se fala de música portuguesa, não queremos falar naturalmente, da música popularunha, meio píres, meio reles, que os nossos revisteiros são uselros e vezeiros em fazer.

Música portuguesa significa qualquer coisa de mais digno e de mais nobre, que não as estafadas canções fabricadas em série no Parque Mayer. Não é por serem feitas em Portugal e por compositores portugueses que elas são nacionais. Os cigarros «Paris» têm tanto com a França como essas *cançoniquetas* com Portugal.

A música portuguesa tem de ter como motivo os cantares do nosso povo. Tem de interpretar os seus sentimentos, a sua maneira de ser, ouvir as suas esperanças, as suas revoltas, os seus queixumes. E a esta que nos referimos. E é da sua falta que nos queixamos.

Abre-se um aparelho de rádio, procura-se um pôsto português e os poucos números de música portuguesa que ouvimos são velhos, muito conhecidos, muito gastos, muito batidos.

A pergunta tem a sua razão de ser: o que fazem os nossos compositores? Por que não compõem eles música portuguesa? Falta-lhes um estímulo? Falta-lhes uma justa remuneração, falta-lhes a publicidade de serem executadas as suas composições? Falta-lhes os meios para se poderem deslocar em busca de novos motivos, de novas fontes de inspiração?

Ao S. P. N., ou, mais directamente, a Emissora Nacional, compete velar pela música portuguesa, abrindo concursos, dando prémios, incitando os nossos compositores a escrever música portuguesa.

Pois bem: falando, há dias, com pessoa autorizada da Emissora Nacional, obtivemos esta resposta que, quere-nos parecer, é bastante animadora:

— Se não há mais música portuguesa, é apenas porque os compositores não aparecem. A verba que a Emissora Nacional possui já está à espera para auxiliar e compensar todos os esforços em prol da música portuguesa.

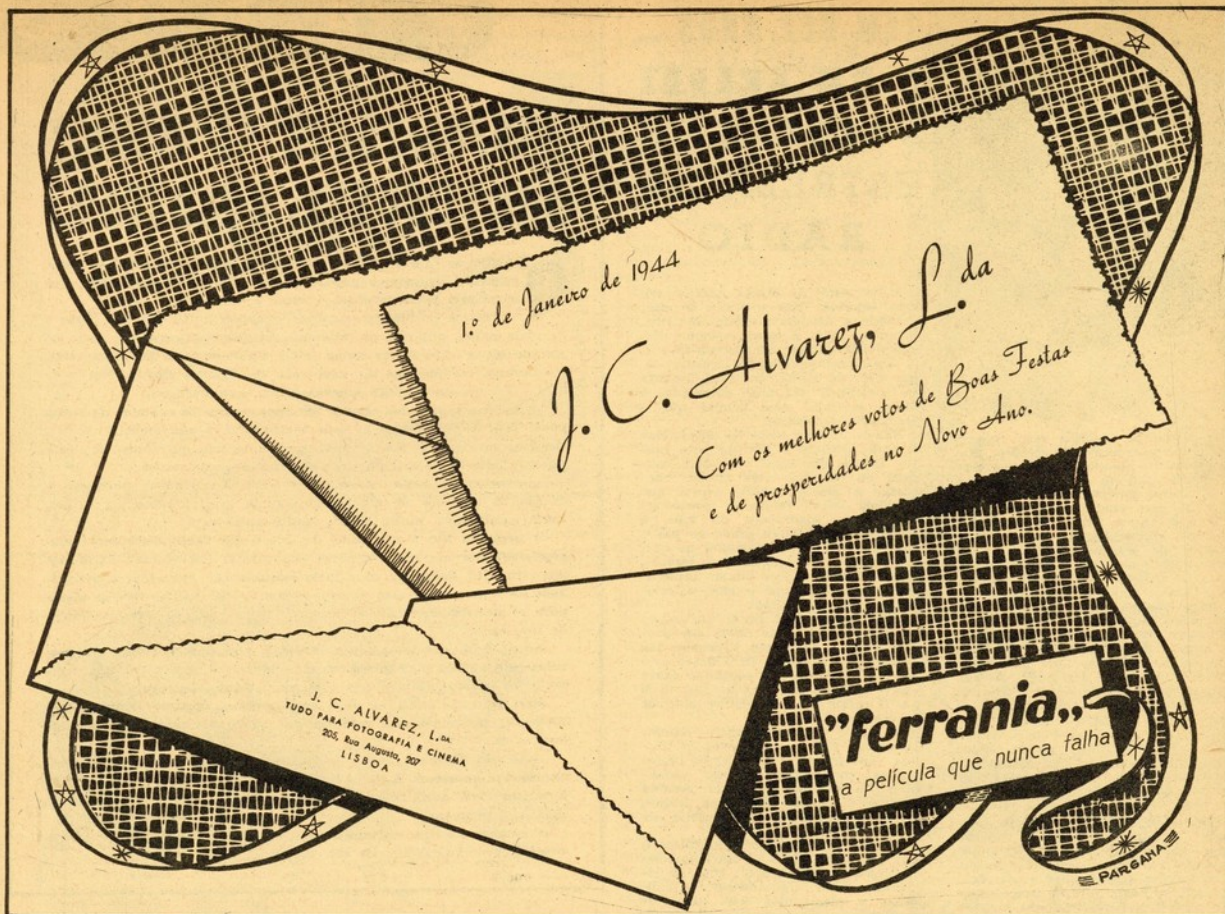
E com prazer que registamos aqui estas palavras. Agora, os nossos compositores que digam de sua justiça...

## SABEM QUEM É?...

Não sabem? Ouvem-no todos os dias. Todos os nossos postos de rádio atiram para o ar as suas melodias e a sua voz de ouro. Considerada durante anos e anos na América a melhor voz da rádio de Além-Atlântico é também admirada no nosso país. Não dizemos mais, já todos adivinharam, é ele, o único, o inconfundível, o sem rival: Bing Crosby — a grande vedeta!







**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7
8,45	WKTS	49,0			WBOS	48,9
9,45					WKLJ	39,7
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WBOS	25,3
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	19,6
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUL	19,5
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	25,3
20,45 a	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5
21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8
22,45					WKLJ	30,8
23,45					WKLJ	30,8

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

**EMISSIONES DIARIAS**

**OIÇA a VOZ da  
AMERICA em MARCHA**



**APRENDA RADIO**

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis à

**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

**EM TODOS OS PAISES DO MUNDO**

a guerra perturbou os serviços. E principalmente os das comunicações marítimas.

**a COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO**

com o crescente progresso da sua frota continua a assegurar as comunicações da Metrópole com o Império e com o estrangeiro.

prestando os mais altos serviços à economia nacional.

**Já em plena guerra**

**a COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO**

aumentou a sua frota com

**cinco navios,**

três expressamente construídos para ela, no total de cerca de trinta mil toneladas DV.

Rua do Comércio, 85  
LISBOA

Rua Infante D. Henrique, 73  
PORTO



## A humanidade dos insectos e grande exemplo de solidariedade das formigas

**A**s formigas, as termitas e as abelhas têm, no seu viver, organização social que muito se assemelha à dos homens. A humanidade dos insectos é um mundo à parte, com as suas cidades populosas, cheias de vida, os seus heróis estranhos, as suas guerras devastadoras, o seu intenso progresso...

Como se fossem homens, lutam, renegam em face dos fenómenos, procuram outras paragens onde a vida abra largos horizontes dum melhor viver. Toda a gente conhece a fábula da cigarra e da formiga. Do mesmo modo, não há ninguém que não tenha observado um carreiro de formigas no seu labor. Às vezes, uma formiga perde-se e anda, numa lufa-lufa, em procura do seu norte. Quando encontra outra companheira pára. Parece que há ali um cumprimento semelhante ao dos homens — um «como está você, passou bem?».

outra formiga, por amizade, indica-lhe o caminho perdido. E ela, apressada, levando nas mandíbulas um grãozinho colhido por si, corre a caminho da sua casa para levar o conforto e a alegria aos seus. Muitos sábios têm estudado o viver das formigas. E entre eles o grande naturalista sulço Augusto Perol que, a seu respeito, publicou cinco volumes.

A sua paixão era tão grande que perdia horas consecutivas diante dum formigueiro, vendo toda aquela faina.

Pôde, assim, com larga experiência, assistir a muitas lutas naquelas cidades populosas e estudar a maneira como aquêles insectos vivem. Há no mundo 7.500 espécies de formigas — e cada uma apresenta três formas diferentes, suppondo-se que seriam precisos cem volumes para estudar, completamente, este mundo de insectos.

### A CIDADE DAS FORMIGAS — A GUERRA... AOS INIMIGOS

As cidades das formigas são enormes. Algumas são construídas nos troncos de grandes árvores — e outras na profundidade dos terrenos, escondidas entre vegetação. Nesse trabalho, que dura bastante tempo, empregam-se milhares de insectos-operários, com os seus mestres e arquitectos. As mandíbulas fazem o serviço de perfuração. É preciso abrir terreno, fazer mesmo os alicerces. As galerias, muito longas e espaçadas, são variáveis. Chegam a ter quarenta centímetros de profundidade. A medida que vão abrindo a galeria arrastam para o

exterior todas as matérias que possam prejudicar a sua vida. Depois começam a revestir a sua cidade de certo luxo e conforto. Vão a sítios distantes buscar pedrinhas, pedaços de feno, e atamparam as galerias. Ao meio da cidade subterrânea, deixam um grande espaço para celeiro. É ali que vai ficar armazenada toda a sua riqueza. Elas sabem bem que é preciso trabalhar incessantemente para que a fome lhes não bata à porta.

Com um instinto superior, procuram prevenir-se no tempo da abundância para que, na inverneira, no tempo das grandes chuvadas, quando se não pode sair à rua, a comida não escasseie. Há cidades de formigas que, no exterior, têm uma grande cúpula ou abóboda.

Augusto Perol, o grande cientista, pensa que estas cúpulas são uma espécie de estufa para conservar o calor do sol, que dá à cidade um certo conforto. A vida dentro dessas cidades é intensa. Continuamente as formigas saem e entram levando para o celeiro um grãozinho, uma folha de pinheiro que mais de cem vêm arrastando da lonjura dos campos. A maior cidade que Perol encontrou foi na Argélia. Tinha um metro e cinquenta de profundidade e ocupava uma área de mais de cem metros quadrados.

Nas montanhas, as formigas têm tal noção dos benefícios do sol que constroem as suas casas voltadas para o nascente.

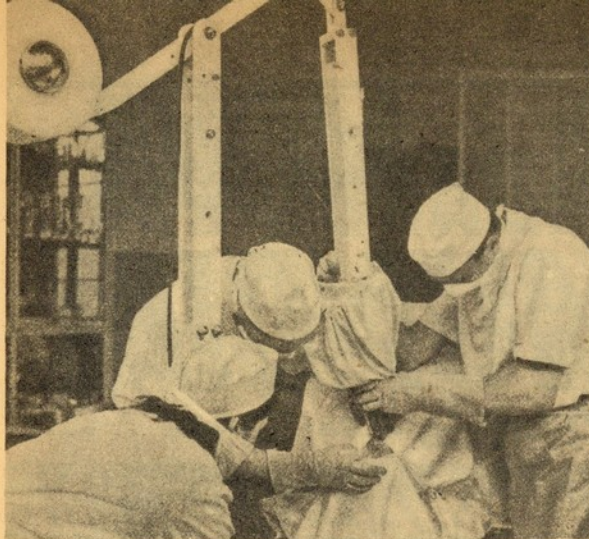
Na Índia, por volta das cidades, há sempre meia dúzia de muralhas circulares que possam defendê-las do invasor.

E o que é o invasor?

São outros insectos parasitas, aquêles que não trabalharam, que nada fizeram e nada construíram. Quando se dá o sinal de rebate na cidade das formigas — as guerreiras apressam-se. Está inimigo à vista.

As mandíbulas das formigas guerreiras são arqueadas e pontagudas e, com ímpeto, atravessam o cérebro dos seus inimigos. Em volta da guerra é de exterminio. Em volta das suas linhas defensivas elas vão lutar de vida ou morte. Dentro da cidade só ficam as obradeiras. Se é um escaravelho gigante que vem atravessar aquêles domínios, é preciso detê-lo. Então só o sinal de combate. É feroz, medonho. Milhares e milhares de formigas lançam-se ao encontro do gigante. Ele esmaga-as, implacável. Mas a carga é violenta. Entram-lhe pelos olhos, apertam-lhe, com as mandíbulas, o cérebro; algumas comprimem-lhe o

(Continua na pág. 20)



## Um hospital de neuro-cirurgia único no mundo

**N**O hospital de Sainte-Anne, em Paris, existe, desde 1939, um hospital de neuro-cirurgia que é único no mundo. Fazem-se ali as mais melindrosas operações ao cérebro — como esta que nos dá uma imagem tão completa da sua complexidade, tomada pela objectiva do fotógrafo: o «Electro-aimant» permite que se extraia do crânio qualquer injima partícula metálica. A operação é rápida e exige grande pericia.

## O RAIOS DA MORTE VOLTOU A SER INVENTADO...



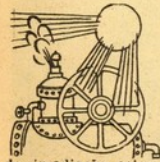
A notícia não é nova, nem é velha. Foi tantas vezes redita que já poucos acreditam nela: foi descoberto o raio

da morte. A notícia vem da América, foi comunicada ao ministério da Guerra e apareceu como seu inventor o engenheiro novayorkino, Milton Mc Worthe. Com a comunicação dirigida ao ministério aquêl departamento de guerra, o inventor do raio da morte enviou detalhes da construção do seu invento e a lista dos resultados obtidos: paralização das instalações eléctricas, a grandes distâncias, inflamação de matérias explosivas, ocultas por detrás de muros protectores — e muitas coisas mais...

Não obstante os aparelhos do raio da morte anteriormente terem demonstrado grandes deficiências — as autoridades militares norte-americanas mostraram-se dispostas a submeter o novo invento a novas experiências, colocando o material necessário à disposição do seu inventor.

Quem nos diz, afinal, que o raio da morte não será o factor decisivo na liquidação da guerra?

## O SOL PRODUTOR DE ENERGIAS



O dr. Charles G. Abbot, secretário do «Instituto de Smithsonian» e um dos mais categorizados investigadores da irradiação solar, acaba de fazer uma invenção que, especialmente hoje, quando há tanta falta de força mo-

triz, parece revestir-se de incalculável importância. Trata-se duma mecha que produz o vapor que funciona devido ao calor solar, cuja pressão de vapor é sempre invariável, independentemente da força da irradiação, e que, por consequência, pode mover qualquer mecanismo.

Os raios solares são concentrados, por meio dum sistema de espelhos côncavos, semi-cilíndricos, sobre uma aparelhagem que pode ser submetida à ebulição e dentro da qual há um cano de metal comprido. O cano está cercado por uma dupla parede de vidro que permite a passagem dos raios solares, repellido os raios do calor, que são mais longos. Uma aparelhagem regulada automaticamente pelo vapor deixa passar tanta água na aparelhagem quanta for precisa para ser posta a ferver e evaporar-se imediatamente pelo calor do sol concentrado. O inventor já tirou a patente do seu aparelho e começará brevemente a aplicá-lo praticamente, para fins industriais.

## A GINÁSTICA AO SERVIÇO DOS FERIDOS

**E**m todos os países, os técnicos de guerra esforçam-se ao máximo para aperfeiçoar os meios de destruição. Por seu lado, os médicos e cirurgiões fazem o possível por melhorar a sorte dos feridos ou experimentar novos e rápidos métodos de cura. É um duelo entre a vida e a morte.

O dr. Karl Gebhardt, um dos primeiros nas fileiras d'esta inovação, especialista de reputação mundial, dedica-se à tarefa de reduzir os membros atingidos, condenados à paralização. Um ferido grave que ontem era impotente, poderá, graças ao método do dr. Gebhardt, desde que seja aplicado a tempo, tornar a ser um homem normal.

As pernas e os braços atingidos por projectéis são submetidos a uma ginástica especial, que é o segredo bá-

sico de método do professor Gebhardt. A pouco e pouco, os membros e as articulações são submetidos gradualmente a uma série de movimentos que permitem aos músculos inutilizados reassumir as suas funções normais. Isto é uma espécie de jogo de paciência, e o ferido deverá dar provas de grandes persistência e coragem. Os resultados, porém, têm dado a muitos feridos a possibilidade de retomar o uso completo dos braços e pernas.





# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### OS INTERESSES DA GRÃ-BRETANHA E DA RÚSSIA

A parte final do discurso radiodifundido que Churchill proferiu no dia 22 de Junho de 1941 foi, sem dúvida, a mais sensacional e aquela que havia de se revelar mais fértil em consequências imediatas e distantes. O Primeiro Ministro britânico não se limitou, nessa altura, a oferecer o auxílio do seu país à Rússia invadida, o qual deveria ser de importância relativa naquela altura, dadas as dificuldades em que a Grã-Bretanha se debatia. Lançou os fundamentos da futura aliança anglo-soviética sobre a afirmação de que os interesses russos e os interesses britânicos se não opunham em parte nenhuma do mundo.

«Precisamos de regressar aos dias, disse o Primeiro Ministro, em que os exércitos russos e os exércitos ingleses foram, na última guerra, aliados contra o mesmo inimigo. Nessa altura os soldados dos nossos dois países combateram com idêntico ardor e persistência e ajudaram-se mutuamente a obter uma vitória da qual infelizmente não puderam partilhar.»

O sr. Churchill anunciou, em seguida, a decisão irrevogável tomada pelo governo inglês quanto à sua atitude em relação à Rússia: «Pode alguém duvidar de qual vai ser a nossa política? Só temos um fim. Só nos anima um único e firme propósito: abater o hitlerismo e tudo o que ele representa até que não fique o mais pequeno vestígio desse regime. Nada nos desviará do cumprimento desta missão, absolutamente nada. Com o nazismo nunca negociaremos, nunca parlamentaremos, nunca trataremos. Combatê-lo-emos em terra, nos mares e no ar, até que, com a ajuda de Deus, limpemos o mundo da sua existência e libertemos os povos do seu jugo.»

Esta declaração tinha uma tradução imediata na escolha entre o Reich e a U. R. S. S. que fôra, durante tantos anos, a razão fundamental das hesitações da política externa da Grã-Bretanha. Perante as realidades da guerra, a Grã-Bretanha entendia que era de seu interesse preferir a U. R. S. S. ao Reich nacional socialista. Esta decisão excederia os limites da condução da guerra e a das suas exigências para se projectar, mais tarde, na construção da paz e na sua preparação oportuna.

### OS QUE ENFILEIRARAM COM O REICH

Mas o Primeiro ministro da Grã-Bretanha não se limitava, no seu discurso cujo significado histórico é hoje fácil reconhecer, a considerar o Reich como um inimigo irreconciliável para cuja destruição o seu país aceitaria todas as solidiedades e alianças. Considerava igualmente inimigos irreconciliáveis da Grã-Bretanha todos os países, grandes ou pequenos, que se aliassem com a Alema-

nha para o prosseguimento da guerra. Esta concepção havia também mais tarde de produzir as suas consequências no caso das relações da Grã-Bretanha com o Japão e com os pequenos países da Europa que fizeram causa comum com o Reich nesta luta.

«Todos aqueles e todos os Estados, dizia o sr. Churchill, que entrem na luta contra o nazismo podem contar com o nosso auxílio. Todos aqueles que enfileirarem a seu lado serão por nós considerados como inimigos e tratados como tal. Aplicaremos estes princípios em relação aos Estados organizados e aos indivíduos que se tornarem agentes ou instrumentos do domínio alemão nos países ocupados.»

O problema das responsabilidades aparecia, assim, pôsto pela primeira vez, com uma franqueza enorme pelo chefe político dum dos países em luta. O seu pensamento, a esse respeito, precisava-se com as seguintes palavras: «Esses indivíduos serão por nós entregues, como os próprios nazis, no dia seguinte ao da vitória, a justiça recta dos tribunais aliados. Esta declaração, que faço agora, deve considerar-se como absolutamente solene e para ser encarada com as suas futuras consequências.»

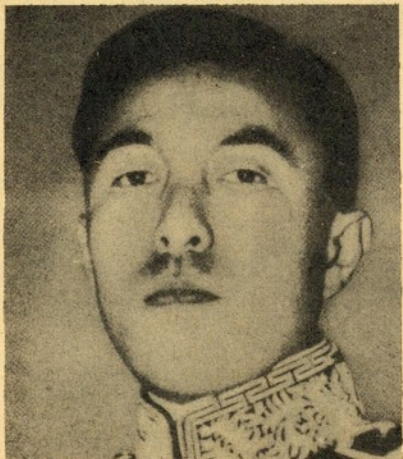
Este problema havia de ser, mais tarde, tratado em reuniões e conferências internacionais e especialmente na conferência de Moscovo que elaborou uma declaração comum sobre o tratamento dos responsáveis da guerra. Mas o ponto de partida para esses trabalhos foi a declaração do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha que, nesse particular, deve considerar-se como de alta importância e de repercussões já sensíveis neste momento mas que podem de futuro tornar-se ainda mais importantes.

### A OFERTA BRITÂNICA AOS SOVIETES

O Primeiro Ministro concretizou, para terminar as suas considerações, com a revelação das iniciativas que já haviam sido tomadas pelo governo de Londres a fim de regular em novas bases as relações anglo-soviéticas: «Prestaremos à U. R. S. S. e ao povo russo todo o auxílio que pudermos. Apelamos para os nossos amigos e aliados, espalhados pelo mundo, para que procedam da mesma forma. Nós próprios com fidelidade e constância prosseguiremos no caminho que assim definimos, inabalavelmente até o fim.»

E a seguir precisou a natureza e a extensão dos oferecimentos feitos ao governo de Moscovo para que este pudesse combater a invasão alemã: «Já oferecemos ao governo soviético assistência técnica ou de qualquer outra espécie, que esteja ao nosso alcance a qual possa traduzir-se de qualquer maneira útil para a Rússia nesta emergência e para atravessar a rude prova que o destino lhe reservou. Bombardearemos o território alemão, dia e noite, em medida sempre crescente. Faremos com que o povo alemão pague amargamente todas as crueldades e misérias que faz suportar aos outros povos.»

Esta promessa havia de ser cumprida, ao longo de dois anos e meio de luta,



Três figuras da vida política japonesa, em vésperas da guerra: o Príncipe Konoze, chefe do Governo, Matsuoka, ministro dos Negócios Estrangeiros e general Osima, embaixador na Alemanha.



Neste mapa, publicado por uma revista americana, estão expressas as razões de ordem económica que levaram a Alemanha a atacar a Rússia.



com uma violência cada vez maior. Sobretudo a partir da primavera de 1942, a acção dos bombardeamentos aéreos sobre o território do Reich e dos países ocupados aumentou, de maneira incessante, em intensidade e persistência. As forças aéreas britânicas, primeiro, depois as forças aéreas anglo-americanas atacaram do ar esses territórios realizando uma tarefa de destruição sem precedentes a qual, ao mesmo tempo que diminuía o potencial de guerra do Reich, influiu indirectamente na condução das operações, obrigando a dispersar a «Luftwaffe» e exigindo do seu pessoal um esforço cada vez maior e uma aplicação insuperada e prejudicial.

No final do seu discurso, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha renovou a promessa que assim fizera e acentuou que não era aquêle o momento de discutir a quem cabiam as responsabilidades do estado de coisas a que se havia chegado. Essas responsabilidades, em sua opinião, deviam ser divididas por todos, pois a todos elas cabiam.

## A REACÇÃO AMERICANA

Que iam fazer, perante a realidade nova que assim surgia, as duas grandes potências com interesses mundiais que ainda se encontravam fora do conflito? Tanto os Estados Unidos como o Japão seguiam atentamente, e com uma inquietação compreensível, o desenrolar dos acontecimentos. Era evidente que todos os factos que se traduzissem, directa ou indirectamente, pelo alastramento da conflagração lhes diziam respeito e constituíam uma ameaça para os seus interesses específicos.

A reacção americana, expressa nos editoriais da grande imprensa que, de maneira geral, condenava a atitude alemã considerando predominante o aspecto do ataque e da invasão, encontrou um interprete autorizado no senador George, que então era presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, organismo todo poderoso no qual mais tarde seria substituído pelo seu colega Connally.

«Essa nova iniciativa do Reich, declarou o senador George, veio demonstrar que nenhuma confiança podemos ter nas suas declarações e promessas. A Alemanha necessita de matérias primas que a Rússia possui em abundância e está resolvida a ir buscá-las, a bem ou a mal, mesmo que a nação russa tenha de ficar completamente desorganizada. Entretanto, os ingleses e os americanos devem considerar este acontecimento como sendo de bom augúrio para os seus pontos de vista.»

Para aquêle senador americano, a invasão da Rússia dispersaria para leste as forças alemãs e adiaría, em proporções naquela altura imprevisíveis, o projecto de invasão da Inglaterra que deveria sempre considerar-se como uma possibilidade. «Os Estados Unidos, concluiu êle, terão mais alguns meses para se acutelar, ultimando os preparativos da sua poderosa máquina industrial e trabalhando cada vez mais.» Seis meses depois, efectivamente, os Estados Unidos estavam na guerra, ao lado da Grã-Bretanha e da U. R. S. S., contra o Reich e contra o Japão em consequência do ataque a Pearl Harbour.

## OS SENTIMENTOS CONTRADITÓRIOS DO JAPÃO

A posição do Japão era particularmente delicada. Por um lado o governo de Tôquio subscrevera em Setembro de 1940 o pacto tripartido que fazia do seu país um aliado do Reich. Por outro lado, assinara com a Rússia, em Abril de 1941, portanto apenas seis meses antes, um pacto de amizade e de não agres-

são que se comprometera a cumprir escrupulosamente. Quais iam ser as reacções provocadas na capital nipônica pela notícia, sensacional da entrada das tropas alemãs em território soviético?

Na tarde de 22 de Junho, o ministro dos Estrangeiros nipônico, Matsuoka, dirigiu-se ao palácio do Imperador a fim de o pôr ao corrente do que se passava. Antes disso, recebera no Gaimusho um extenso relatório do embaixador japonês em Berlim, general Oshima, no qual este diplomata fazia uma descrição pormenorizada dos episódios que haviam precedido a declaração de guerra do Reich à Rússia. Depois da audiência no palácio imperial, Matsuoka recebeu o embaixador alemão, general Ott, e várias individualidades políticas e militares japonesas. Com as conferências de Matsuoka coincidiu uma série de audiências concedidas pelo chefe do governo japonês, Príncipe Konoye, as quais se relacionavam estreitamente com as notícias recebidas da Europa.

Era evidente que a posição de Matsuoka se tornara insustentável. Ao fazer a sua viagem ao continente europeu, alguns meses antes, o homem de Estado nipônico levava na sua mala a possibilidade, para não dizermos a iminência, duma guerra entre o seu país e os Estados Unidos. O conflito entre a Rússia e o Reich vinha desorganizar completamente os seus planos. A aliança com a Alemanha, em vez de facilitar a tarefa do Japão, na luta encarada contra os Estados Unidos, ia colocar este país na necessidade de atacar imediatamente a Rússia, pela Sibéria, ou de esperar que os acontecimentos se desenrolassem, o que não podia deixar de ser manifestamente desfavorável para os seus interesses. Foi esta última hipótese que, finalmente, se verificou com os resultados que hoje são conhecidos, pois não atacando na Sibéria, o Japão consentiu que a coligação dos seus inimigos o isolasse e organizasse a ofensiva que deve fazer incidir sobre o seu território todo o peso do potencial militar anglo-americano.

## À FINLÂNDIA E A ROMÊNIA

A atitude dos países que haviam subscreto o pacto anti-comunista e depois o pacto tripartido não podia deixar de ser de solidariedade com o Reich, o qual iniciava a luta sob o signo do anti-comunismo. A Finlândia não subscrevera, porém, o pacto anti-comunista e considerava que a guerra que ia fazer contra os soviéticos era uma guerra de tipo nacional em que, acima de tudo, a nação finlandesa visava a defesa

(Continua na pág. 20)

O senador Tom Connally, presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado.





# A HUMANIDADE DOS INSECTOS

(Continuação da pág. 17)

abdômen — e o escaravelho cede, perde terreno. Daí a pouco, não se pode mover. É já uma massa inerte e a sua vida esgota-se pouco a pouco. Um novo corpo de exército vem ao seu encontro. Prossegue a luta. Mas outro escaravelho cal, dum velho tronco, em cima daquela legião. E a derrota está iminente. As formigas não podem lutar com tão poderoso inimigo. É então que as mais ligeiras correm o campo à procura de auxílio noutras cidades. Corre pelas cidades subterrâneas um clamor de guerra. A natureza está em luta. Dos velhos troncos, debaixo dos pedregulhos, dos cimos das montanhas um grande exército começa a descer.



É um fio negro, através da vegetação. No campo de batalha há milhares de formigas destróçadas, mortas e feridas. Mas ainda não estão vencidas. As cidades fecham-se, com pedras no orifício. E as guerreiras de todas as imediações vêm dar combate num justo exemplo de solidariedade. O ataque é em massa. Os escaravelhos, já combatidos de tantas investidas, não podem resistir. E, por fim, diante de milhões e milhões de insectos caem vencidos. Faz-se ali mesmo a divisão dos despojos. E as formigas, depois, num vai-vem de horas, carregam para o celeiro o melhor daquelas presas. E à noite, na cidade, há um banquete. Vêm as for-

migas-reservatórios (são aquelas que acumulam no abdômen, como as abelhas, o nectar, o célebre açúcar das donas de casa) e abrem-no para que se possa provar o delicioso licor que embriaga.

\*\*\*

O exemplo de solidariedade das formigas, a sua organização social, os seus vícios — que os têm — aproximam aqueles insectos do mundo dos homens. Lutam pela existência, amontoam nos celeiros as provisões para as intensas campanhas do inverno, tratam as larvas carinhosamente para que a sua descen-



dência seja forte e saiba dignamente continuar as tradições do seu reino. Constroem nas cidades verdadeiros jardins com as sementes que colhem nos caminhos, fazem surtidas arriscadas — e morrem, tantas vezes, dizimadas por um pedacito de algodão embebido de veneno. Quando isto acontece nos formigueiros há uma tristeza infinita — morreram os componentes duma grande cidade e a fome vem bater à porta. O formigueiro dizima-se, morre, acaba — e a dona da casa, com alívio, diz: «Estou livre desta praga de formigas!».

MANUEL MARTINHO



# HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 19)

do seu território e a recuperação das províncias que havia perdido em consequência da assinatura do pacto de Moscovo de Março de 1940, celebrado em seguida à guerra russo-finlandesa.

A posição da Finlândia foi, durante muito tempo, compreendida nos países anglo-saxónicos e especialmente nos Estados Unidos cuja população sempre revelara pela causa finlandesa uma grande simpatia. A atitude, tanto da Grã-Bretanha como dos Estados Unidos, modificou-se posteriormente sobretudo em consequência da contribuição crescente que os soviets deram para a causa das Nações Unidas. Isso não impediu que a Finlândia continuasse a manter os seus pontos de vista quanto ao carácter nacional da guerra que se julgava obrigada a fazer contra a Rússia ao lado do Reich.

O caso da Roménia era idêntico, embora a intervenção romena houvesse sido precedida de modificações profundas de política interna e de este país haver aderido ao pacto anti-comunista. Mas a explicação dada pelos dirigentes romenos, para justificarem a intervenção do seu país, era idêntica àquela que invocavam os dirigentes da Finlândia. A Rússia ocupara preventivamente a Bessarábia e uma parte da Bucovina, províncias que os romenos consideravam como pertencendo-lhes, embora a primeira houvesse estado integrada em território russo e se suscitasse discussões frequentes sobre as características da sua população. Fundamentalmente, para ambos estes países se tratava de recuperar territórios que haviam sido perdidos em favor dos soviets, pouco tempo antes, já no meio da tempestade desencadeada pela guerra que se iniciara em 1 de Setembro de 1939, quando da invasão da Polónia.

## A ITÁLIA E A HUNGRIA

A Itália secundou imediatamente a declaração de guerra do Reich aos soviets. O governo de Roma subscrevera os pactos anti-comunista e tripartido e a sua ideologia anti-comunista não deixava de pesar na atitude que julgara conveniente adoptar. Ao contrário do que acontecia com a Finlândia e com a Roménia, a decisão italiana não poderia traduzir-se por um auxílio imediato aos seus aliados na frente leste, onde eles iam empenhar a maior parte das suas forças armadas. Mas a Itália poderia prestar ao Reich um auxílio indirecto aumentando a sua contribuição na luta comum contra a Grã-Bretanha.

Mais tarde, como veremos, a Itália, embora em escala relativamente pequena, havia de participar directamente nos combates da frente leste pelo envio de algumas divisões que não chegaram a desempenhar qualquer acção de vulto no conjunto das operações gigantescas que ali haviam de se desenrolar.

A Hungria era um país signatário dos pactos anti-comunista e tripartido. Os seus dirigentes haviam manifestado sempre a intenção firme de combater a ideologia comunista invocando a experiência que se seguira à primeira conflagração mundial. Mas a Hungria, considerando decerto que a Wehrmacht bastaria para dominar a capacidade de resistência da máquina militar soviética, não

enviou inicialmente forças para a frente leste só vindo a fazê-lo mais tarde, em 1942, depois da primeira campanha de inverno na Rússia.

Na altura em que se produziu a declaração de guerra do Reich aos soviets, a Hungria limitou-se a decretar o estado de alarme, certamente na previsão de ataques da aviação soviética contra o seu território, aumentando as medidas de precaução que já vinham sendo adoptadas desde que se iniciara, alguns meses antes, a campanha dos Balcãs. Um porta voz do ministério dos Estrangeiros de Budapeste limitou-se a declarar que o seu país se conservava fiel aos compromissos que havia assumido mantendo, em relação a todos os outros assuntos, uma reserva total. Essa reserva justificava-se amplamente naquela altura e mesmo durante os meses que se seguiram.

## UMA NOVA FASE DA GUERRA

Com a entrada das tropas alemãs em território russo era, efectivamente, como previra o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, uma nova fase da guerra que ia iniciar-se. Pela primeira vez a Wehrmacht, que tivera de defrontar na Europa apenas potências de escassa população e de reduzidos recursos militares como a Polónia e a Noruega, a Dinamarca e a França, a Bélgica e a Holanda, a Grécia e a Jugoslávia, expulsando, com facilidade compreensível, os ingleses do continente — defrontava um país que, pela sua extensão territorial, pela grandeza da sua população, pelos seus recursos económicos e pela sua máquina industrial, estava em condições de lhe oferecer uma resistência séria.

No momento em que as hostilidades se desencadearam, as opiniões, em todo o mundo, encontravam-se nitidamente divididas, pois a vida interna e as realizações da Rússia, depois da conflagração de 1914-18, constituíam, duma forma geral, um segredo impenetrável ciosamente guardado pelo regime soviético. Perante as suas provas anteriores, era grande o número de personalidades responsáveis (e era naturalmente o juízo destas que interessava) que se inclinavam para aceitar como lógica uma vitória rápida da Wehrmacht.

A luta na Rússia arrasta-se porém, com alternativas diversas, há dois anos e meio e parece longe do seu termo. Em Berlim sabia-se que a magnitude da luta a emprender era de molde a absorver, durante algum tempo, todos os recursos do país. Mas confiava-se numa decisão rápida que, apesar das vitórias alcançadas nas ofensivas de 1941 e 1942, não courou, com a velocidade esperada, o esforço das armas alemãs. Foi essa demora que alterou fundamentalmente as características da actual conflagração não sendo por isso exagerado dizer que o dia 22 de Junho de 1941 marca uma data histórica. Em artigos seguintes procuraremos resumir o que foram os acontecimentos militares que, a partir dessa data, se desenrolaram na frente leste a qual se tornou a principal frente de batalha da guerra, e aquela em que, segundo todas as possibilidades, será alcançada a sua decisão.

(Continua)



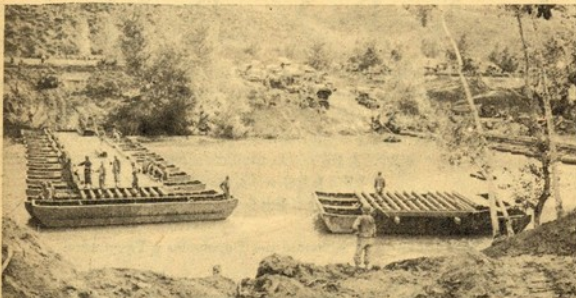
# NOTAS DE GUERRA



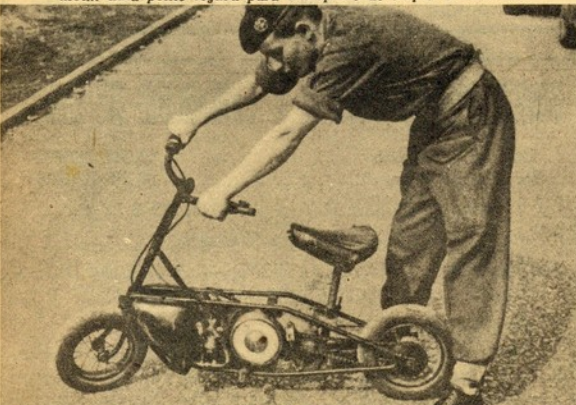
As necessidades da guerra aguçam o engenho do homem: aqui está o maior avião de transporte em todo o mundo. Este avião alemão, o «Gigante M323» — um «Messerschmitt» — tem 6 motores e uma envergadura de 55 metros. Pode transportar 130 homens, grandes quantidades de material, baterias com cavalos e tudo, carros de assalto — e etc....



És como se faz a distribuição de alimentos às vítimas dos bombardeamentos aéreos, em Berlim. Logo após o ataque, com os lares desfeitos, a população sabe que a organização do Estado e o partido nazi valem por ela. Dirige-se, então, aos serviços ambulantes e recebe o seu quinhão em roupas e alimentos.

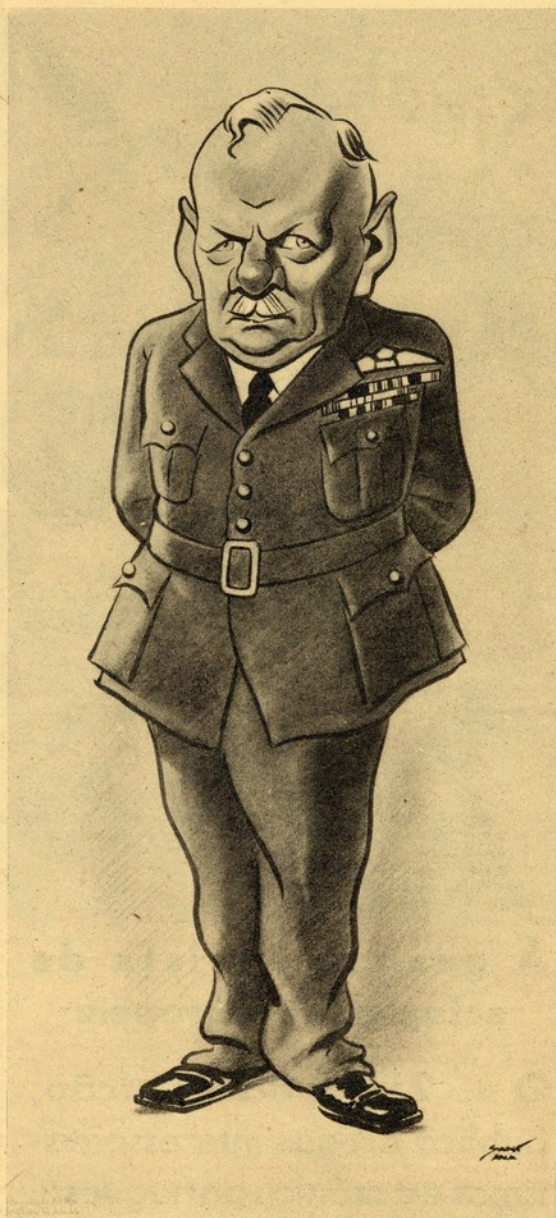


Mas não são unicamente os alemães que aperfeiçoam os seus processos de combate. Os americanos que estão a combater na Itália, também se lançam na conquista de novas armas de vitória. Aqui estão as «estradas» sobre o rio Mosca para conquista de Pescara. As barcaças são colocadas lado a lado e formam assim uma ponte segura para transporte de tropas e material.



Ainda um novo tipo de instrumentos de guerra: uma motocicleta desmontável, de proporções mínimas e eficiência máxima, usada, desde há pouco, pelas tropas paraquedistas aliadas. São aplicadas a uma espécie de cinturão e, mal os soldados tocam em terra, desdobram-nas e ficam prontas a montar.

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



## ARTHUR HARRIS

**A**INDA não fez 50 anos e já lhe cabe uma boa parte nos êxitos que os Aliados têm estado a alcançar na Europa. De facto, o marechal do Ar Arthur Harris, que é actualmente chefe de comando de bombardeiros e que, portanto, dirige os grandes «raids» de bombardeamento à Europa, é um dos mais inteligentes e activos elementos aliados. Quando ele foi nomeado para o alto cargo que havia de ser ponto de partida da destruição das cidades alemãs, alguém no Ministério da Guerra comentou: «Esta nomeação foi a única bomba que caiu sobre este Ministério». Contra a opinião de muitos, que viam na ineficácia dos bombardeamentos a Londres um precedente que era um conselho — Harris depois de revolucionar os métodos de combate aéreo demonstrou que o ataque aos pontos vitais da Alemanha eram mais eficientes do que a «desmoralização» da população civil intentada pelo Reich.

Harris, até Maio de 1941, foi lugar-tenente do Chefe do Estado Maior do Ar. Desempenhou depois um cargo especial na delegação da aeronáutica britânica em Washington, tendo servido, durante a outra guerra, na Rodésia.





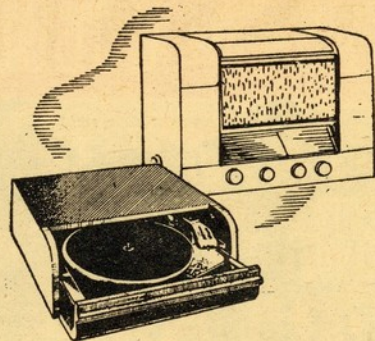
**A grande revista da actualidade europeia**

O n.º 21 em distribuição, publica artigos interessantíssimos e a crónica portuguesa:

**SÍMBOLO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS**

**MAGNÍFICAS ILUSTRAÇÕES**

**EX. ESC. 2\$00**



**Modernize o seu rádio**

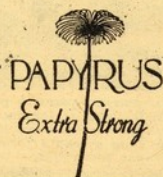
Transforme-o num *vádio-gramofone* aplicando um discofone eléctrico próprio para **REPRODUZIR DISCOS** através de qualquer aparelho receptor

Modelos para corrente alterna  
Modelos para tôdas as correntes

Peça uma demonstração nos  
**EST. VALENTIM DE CARVALHO**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

**P A P Y R U S**

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelarias e Tipografias  
Depósito geral:  
**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
Rua dos Correiros, 70  
LISBOA  
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

**BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**

Capital Realizado ..... 22,000.000\$00  
Fundos de Reserva..... 99,500.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

Dependências Urbanas

ALCANTARA — PÓÇO DO BISPO — CONDE BARÃO —  
ALMIRANTE REIS — BEMFICA

Filiais e Agências:

Pôrto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Tórres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Tórres Novas, Gouveia, Tortozendo, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Estoril, Abrantes, Matozinhos, Moura, Olhão.

**TÓDAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS**



# PASSATEMPO

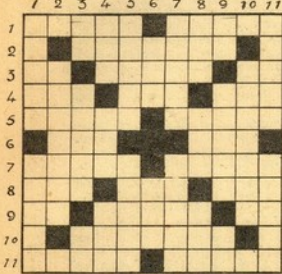
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º - LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

### PROBLEMA N.º 8



Enunciado

**HORIZONTAIS:** 1 — Penacho; pés grandes (pop.). 2 — Todo o corpo ligo que compõe as raízes, os troncos e os ramos das árvores. 3 — Progredir; impelir a embarcação com os rémos; artigo plural. 4 — Doçura; nada; agardente muito forte extraída do melão. 5 — Grande massa de neve despenhada pela encosta da montanha; esmoia. 6 — Fração de uma unidade; acóla. 7 — Ligara; contração de duas vogais numa só. 8 — Ocas; nome de homem; pau-ferro. 9 — Aparência; cava e joelra a areia das ostras para recolher as pérolas; fluido respirável que forma a atmosfera e cerca o glóbo. 10 — Em que há prados. 11 — Uma das constelações do Zodíaco; um dos principais comportamentos de uma casa, onde geralmente se recebem as visitas.

**VERTICAIS:** 1 — A primeira e a mais delgada das cordas de alguns instrumentos; avarenta. 2 — Contar. 3 — Artigo indefinido; recompensa por serviço ou favor; nome de letra grega correspondente a P. 4 — Abundância; mágoa; unidade das medidas agrárias, que é igual ao decâmetro quadrado. 5 — Toma o partido de; tapeçaria antiga para adornar paredes de salas ou galerias. 6 — Nome de letra; cidade da Índia portuguesa (inv.). 7 — Instrumento de cordas metálicas, que se ferem com martelos por meio de teclas; planta rasteira ou trepadeira do Brasil (pl.). 8 — Cólera (inv.); péso indiano que varia, segundo as regiões, entre 141 e 330 quilogramas; parte do cornu das aves, dos insectos e de alguns mamíferos e peixes, que lhes servem para voar. 9 — Tua (ant.); fazei girar; o lado do vento (inv.). 10 — O que aprende em aula. 11 — Nome científico do terramoto; vento de leste (pl.).

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7**  
**HORIZONTAIS:** 1 — Pó. 2 — A. C.; rape. 3 — Polisar. 4 — Iam. 5 — Trás. 6 — Al; se. 7 — Als. 8 — Má. **VERTICAIS:** 1 — Apita. 2 — Cosriam. 3 — Rimais; ia. 4 — Pás; és. 5 — Opa. 6 — Er.

## CHARADAS

Paragógicas

1 — De indivíduo boçal, só se es peram despropósitos. 3-4. *Jim Joyce* (Lisboa)  
 2 — A pobreza não atormenta o pobre. 3-4. *Ego Sum Qui Sum* (Pórt)  
 3 — Farrafista é uma casa onde se vendem trastes velhos. 3-4. *Rei do Orco* (Pórt)

ENIGMAS TIPOGRÁFICOS

M SES E

PROVERBIOS A ADIVINHAR

E	C	D	F	E	D	P
1	2	1	3	3	1	1

## ADIVINHAS

Qual é a flor cujo nome, acrescentado de uma letra, logo remungna?

Qual é a terra portuguesa, cujo nome, no feminino, se encontra nos peixes?

- SOLUÇÕES DO N.º 135**  
 1) Obrigação.  
 2) Linguagem.  
 3) Honramos.  
 4) Mirada.  
 5) Infelicidade.  
 6) Homenagem.

Solução do n.º 136

1 — Amove. 2 — Martela. 3 — Armado. 4 — Aninho. 5 — Bemquerença. 6 — Trespaso. 7 — Nefasto.

## DAMAS

Rectificando

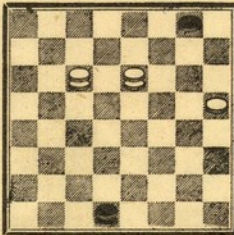
As «gralhas» — ésses indesejáveis bicharões que nenhuma seara... literária respeitam — têm andado a fazer diabruras nos nossos «diagramas».

Desta vez, foi o FINAL DE JOGO N.º 4, cuja chapa foi composta inversamente, que serviu de campo de operações.

Pedimos desculpa ao autor e ao insigne técnico «damista» a quem é dedicado, e publicamo-lo de novo, na verdadeira posição:

FINAL DE JOGO N.º 4  
 por Francisco A. Henriques  
 Almeirim

Dedicado ao grande técnico «damista» Capitão Evaristo A. Borges — Pórt



Jogam as brancas e ganham.

NOTA — A solução é a que demos no nosso número 136.

## PORTO

Campeonato Regional de Damas — 1943/44

2.ª CATEGORIA

Com início em 15 de Dezembro

CONCORRENTES

Ângelo J. Oliveira Gonçalves...	1
Alfredo da Silva Rodrigues.....	2
António Vieira Lucas.....	3
Luiz Teixeira.....	4
David José Quintas.....	5
João Pinto.....	6
António Ribeiro.....	7
António Monteiro.....	8
Manuel Martins L. Júnior.....	9
Mário Martins Monteiro.....	10

CALENDARIO DOS ENCONTROS

Dias	Encontros
Dezembro 15.....	2-9 3-8 4-7
> 17.....	5-4 1-10 8-4
> 20.....	7-5 9-3 1-2
> 22.....	10-6 3-1 4-9
> 27.....	5-8 6-7 10-2
> 29.....	8-6 9-5 1-4
Janeiro 3.....	2-3 10-7 5-1
> 5.....	4-2 6-9 7-8
> 7.....	3-10 9-7 1-6
> 10.....	2-5 3-4 10-8
> 12.....	5-3 6-2 7-1
> 14.....	8-9 4-10 2-7
> 17.....	1-8 3-6 4-5
> 19.....	10-9 6-4 7-3
> 21.....	8-2 9-1 5-10

Observações — Os encontros começam às 21 horas com tolerância de meia hora.

A classificação geral faz-se segundo a tabela de *Sonneborn Berger*, com excepção da do campeão, que é feita por pontuação absoluta. A realização dos encontros pela ordem do calendário é obrigatória, e a saída pertence ao número sorteado mais baixo.

SOLUÇÃO DO FINAL DE JOGO N.º 5

A solução deste final obedece a uma curiosa técnica. A chave, única, é: 4-7, seguindo-se com essa p. todas as vezes que as P. joguem a p. da casa 32, e com a p. de 3 sempre que avancem com a de 25. Assim:

4-7	7-11	3-6
32-28	25-21	28-23
11-15		
		6-10 g.
21-18		

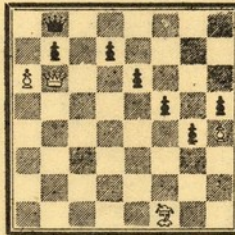
Nota — É obrigatória a disposição das «peças» 1, 2, 5 e 9 para legalidade do final, pois sem elas seria fantasia.

## XADREZ

### PROBLEMA N.º 3

Por V. Lamov

Pretas



Branças

Jogam as brancas e ganham

Solução do problema n.º 2  
 1. T3T1 P7T (Se 1. ...; R1A; 2. TIC, R2R; 3. T1R+, R3A; 4. T3AR+, R4C; 5. T1CR+, etc. Se 1. ...; P3T; 2. T3R+, R1A; 3. TIC, T5D; 4. T3AR+, R2R; 5. T1R+, etc. E se 1. ...; P5T; 2. T3R+, R1A; 3. TIC, R2A; 4. T3AR+, R3R; 5. T1R+, R4D; 6. T3D+, etc.) 2. T3R+, R1A; 3. T2C, TIAD+!; 4. R7D! (se 4. RXT7, P8T (D); 5. T2AR+, R7C+ com vantagem do preto), T1D+; 5. RXT, R2A+; 6. R7D, T1D+; 7. RXT, P8T (D); 8. T2AR+, R2C; 9. T3CR+, R1T ou 3T; 10. T8A ou T6A mate.

CORRESPONDÊNCIA

*Sabrigaita* (Pórt) — Vou escrever a J. Pessoa. Muito obrigado pelas suas saudações. Aguardo trabalhos.

«A Esfinges» (Pórt) — Agradeço pelas suas felicitações. As colunas da «Vida Mundial Ilustrada» estão ao seu dispor.

*Centro Edipista Lusitano* (Pórt) — Muito grato pelos seus cumprimentos. Disponha sempre da nossa Revista.

Francisco A. Henriques (Almeirim) — O final n.º 4, que saíu errado por na tipografia terem invertido a chapa, é publicado hoje devidamente rectificado. Desculpe, mas também não tive culpa, pois a prova estava bem.

Raúl Duarte Girão (Pernes) — Indique-nos uma tabacaria dessa localidade onde se possa vender a «Vida Mundial Ilustrada». Dentro de dois ou três números será publicado um problema seu.

José António Reis Martins (Caminha - Minho) — Um dos seus problemas sairá dentro de poucos números.

## A perua do Ventura por Zéco



— A patroa mandou-me entregar-te estes cem escudos para ireres comprar um casal de perus...



— Tã doído! Um casal de perus por cem malreís. Por ser para bocomecê leva este lindo exemplar por 80 milhos!...



— Coitadinho! Vai tão triste!... Espera que eu já arranjo companheiro...



— O Ventura, então tu trazes só um peru e seus perdido de bobêdo?!

— Qual, quê?!.. Trago o casal!... Diz lá à patroa que por cem mil réis foi o que se pôde arranjar: o peru custou 80 escudos e a perua custou o tróco!...



# "TERROR"

UM CONTO DE FERNAND'ALMIRO ILUSTRADO POR MANUEL LIMA

**A**RRASTADO, claro, forte, misterioso, ouviu-se um ruído inexplicável já noite alta. O silêncio nocturno, repercutindo-o, ampliou duma maneira estranha o insólito ruído que ecoou lugubremente pelas salas abobadadas do castello. O jovem duque despertou aturdido, mal podendo perceber se estava mergulhado numa sonolência pesada, estovora amortecida pelo véu duma semi-inconsciência. Mas não; estava certo de que o ruído se tinha produzido.

Sentou-se na cama, esfregou os olhos e pensou:

— Tenho a certeza de que alguém arrastou a cadeira da minha secretária. Ouvi perfeitamente! Conheço muito bem o seu ruído característico! A antiga cadeira de espaldar de meus avós, maciça, toda de pau santo, de costas rendilhadas, velhinha de muitas centenas de anos...

Não havia que duvidar, o ruído partira do escritório.

O jovem duque levantou-se, calçou as pantufas e desiluso silenciosamente pelo quarto, pé-ante-pé, como uma sombra.

Não tinha medo, não obstante ter quasi a certeza de que ia esbarrar com um intruso, mal entrasse no escritório. Talvez estivesse escondido por detrás da porta e vigiasse um cúmplice... Pensou que ia ser atacado. Haveria luta, escândalo, gritos, polícia...

Tratava-se, certamente, de uma tentativa de roubo, mas... poderia transformar-se numa tentativa de homicídio.

O duque, que se munira do revólver, consulta na escuridão o relógio de horas luminosas. Quatro da manhã!

E, cautelosamente, nas pontas dos pés, sá do quarto e penetra no escritório que lhe fica contíguo. Contendo a respiração, de mão estendida fendendo a treva, vai avançando, avançando lentamente. Conhece o caminho a palmas, mas teme uma armadilha. Não tropeça, não encontra nenhum obstáculo, mas pensa a cada instante que vai ser agarrado pelas costas.

Alcança o interruptor que aperta nervosamente um momento entre os dedos. Por fim, fá-lo girar repentinamente. Faz-se luz. Aponta rapidamente o revólver ao acaso: Ninguém! Espreita todos os recantos do escritório e da biblioteca; a sua mão esquerda tateia todos os móveis e passa subtil ao longo das paredes. O revólver treme assustadoramente na mão direita. Lá fora, o vento ulva num assobio sinistro e agudo. A janela é violentamente sacudida; o duque estremece de novo. Iriam forçar a janela?

Espreita por detrás de todas as cortinas; ninguém! Debaixo da grande secretária, nada há de suspeito.

— Aqui não está ninguém! — comenta em voz alta para ouvir o som da sua voz.

O eco repercutido pela abóbada repete-lhe em tom soturno e arrastado;

— Aqui não está ninguém.

O duque vira-se num salto, revólver em riste na mão crispada e tremente. Quem ousou repetir o que éle disse?

Ter-se-á equivocado? Estará sonhando? Será joquete dum estado sonambólico? Não!

Não! Está certo de que a sua velha cadeira de espaldar foi arrastada. Ouvira-a muito bem riscar o lagêdo do chão. Não se trata de nenhum pesadelo; está bem acordado e não teve nenhuma alucinação. E cada vez mais excitado, o jovem duque penetrou novamente e de repelão, na alcova.

— Elisabeth! Elisabeth! Ouviste o ruído?

— Sim... o ruído... — responde a duquesa acordada em sobresalto.

— Arrastaram a cadeira da secretária...

— Devia ser, de facto, a cadeira da secretária...

— Levanta-te... vem comigo... vamos dar alarme...

— Tens razão... vamos avisar tua mãe, tuas irmãs.

Segundos depois, o duque em pijama e a duquesa em roupão, batiam nervosamente à porta de todos os quartos:

— Vamos, acordem! Andá gente estranha no castello. Talvez ladrões! Quem sabe se assassinos... Ouviram o ruído da cadeira do escritório?...

E, as pobrezitas, transidas de medo, com as faces cavadas pelo susto, os cabelos em desalinho, confirmavam trementes e apavoradas:

— Sim... o ruído... a cadeira do escritório...

— Exacto... exacto... Defendam-se, armem-se como puderem. Talvez o punhal... sim... o punhal envenenado que está no estôjo... o que o régulo Iparimba ofereceu ao papá... — ciciou baixinho uma delas.

Formou-se um grupo, unido pelo pavor, que deslizava como uma sombra pelos corredores. Começaram a pesquisar toda a casa, acendendo luzes... Cada móvel que se recortava na escuridão, arrancava um grito estridente a quem o via primeiro, e um calafrio colectivo percorria todos os outros.

O duque indignava-se consigo próprio por não explicar cabalmente o mistério e interrogava a cada passo:

— Não há dúvida que vocês ouviram distintamente o ruído da cadeira da secretária?...

E todos confirmavam colectivamente sugestionalmente pelo desconhecido.

— Sim... o ruído... a cadeira da secretária...

— ciciavam empolgados cada vez mais pelo mistério. Era evidente, ninguém ousava duvidar... A cadeira não se movia sózinha e não estava ninguém a pé àquela hora.

— Não vamos certamente acreditar em forças

sobrenaturais... só a força material dum ser vivo, como nós, podia produzir tal ruído. A cadeira não se moveria sem que alguém a empurrasse... O ladrão, com certeza, conhece que existem valores nas gavetas da secretária e arredou a cadeira com o intuito de se apossar deles... — disse o duque.

— Tens razão... os papéis... o testamento secreto... — confirmavam aterrorizadas as irmãs.

— É isso. Não se trata certamente dum ladrão qualquer. O ladrão deve conhecer a existência do testamento e pensa roubá-lo para se apossar de tudo e reduzir-nos à miséria... — confirmava a atribulada mãe, lavada em lágrimas.

— E preciso encontrá-lo! É necessário prendê-lo! — afirmava o duque, olhos fora das órbitas, faces maceradas, cabelo desgrenhado.

Ao passarem pelo quarto de uma criada, Mary saía da alcova espavorida e correndo em direcção ao grupo gritava alucinadamente:

— Senhora! Senhora! Temos ladrões no Castello. Vi passar um homem junto da porta do meu quarto e ouvi gritar-me com voz enrouquecida:

— Fora, intrusos! Este Castello, estas paredes, estes móveis, o tesouro que está enterrado na cerca, tudo, tudo é meu! Fora, intrusos que me querem roubar!

E a pobrezita, sem ter mão em si, sacudida por um intenso tremor nervoso, nuns arrepiantes esgares de epiléticos, os olhos desmedidamente abertos e brilhantes com visagens de louca, redopia nos calcanhares e cáí redonda sobre a passadeira do corredor.

.....

Batiam seis horas na torre do relógio do Castello; rompiam os primeiros alvures da manhã, a senhorial residência tinha sido percorrida muitas vezes, de cima e baixo, sem resultado. Ninguém!...

Com o terror estampado nos rostos, trementes de cansaço, os habitantes apavorados da senhorial residência, foram pouco a pouco recolhendo aos seus quartos e, mortos de fadiga, deixaram-se cair sobre os leitos.

.....

Havia três dias que ao badalar das quatro horas da madrugada se repetia a cena macabra.

Recordou-se mais tarde que o Castello fora em tempos a residência dum famoso escritor, criador de téticos enérgicos e tenebrosos personagens, com que illustrava os seus disputados romances, que faziam a delícia dos espiritos de tendências mórbidas. E o ruído o mantinha-se persistente. Dir-se-ia que à quele hora tardia da noite a alma do escritor acabava de escrever os magníficos linguados do seu espantoso drama, e... arrastando a cadeira da secretária, se levantava para recolher ao quarto.

O alanceado duque cada vez que via a serviçal estrebuchar nas vastas epiléticas daquêle infernal sofrimento, sentia que o péso duma misteriosa mão se abatia sobre a desgraçada mulher que, passada a crise, se quedava



(Continua na pág. 14)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º—LISBOA—TEL. P. B. X.—25844